

Divaldo Franco

*Garimpo
de
Amor*

A golden, textured dune under a bright, hazy sky. Silhouettes of four people are walking across the dune from left to right. One person is crouching, another is carrying a tool, and two others are standing. The overall scene is bathed in warm, golden light.

Joanna de Ângelis
Espírito

Sumário

Garimpo de amor.....	3
Amor e matizes	7
Amor a si mesmo	10
Amor e casamento	13
Amor e comportamento	16
Amor e compaixão	19
Amor e resistência	22
Amor e companheirismo	25
Amor e saúde	28
Amor e desapego	31
Amor e interação	35
Amor e vida	38
Amor e família.....	41
Amor e progresso.....	44
Amor e compreensão.....	48
Amor e mudanças	52
Amor e plenificação	55
Amor e cura	58
Amor e conflitos.....	61
Amor-próprio	64
Amor e ressentimento	68
Amor e esparecimento.....	71
Amor e espiritualidade.....	74
Amor e relacionamento	78
Amor e conciliação.....	82
Amor e paixão	86
Amor e educação	90
Amor e produtividade.....	94
Amor e serenidade.....	97
Amor e felicidade.....	101
Amor e Jesus	104



Garimpo de amor

Narra antiga lenda persa que um homem residia em próspera herdade, na cidade de Golconda, com sua família, alguns camelos e outros animais, um pomar generoso e um rio de águas cantantes que lhe passava pelos fundos da propriedade.

A existência sorria-lhe bênçãos e nenhuma outra preocupação o afligia.

Oportunamente passou pela sua vivenda um homem religioso, que viajava convidando as almas à reflexão e à fé. Pediu-lhe hospedagem e foi recebido com carinho.

Após o jantar, na primeira noite da sua estada, o visitante indagou-lhe:

— És feliz, homem? Observo que sorris e desfrutas de algumas regalias da vida. Gostaria de saber se possuis diamantes ou pedras outras preciosas, que são as bases da felicidade?

O anfitrião, algo surpreendido, respondeu-lhe:

— Em realidade, sinto-me muito feliz. Tenho uma família saudável, que amo e pela qual sou amado, desfrutamos todos de saúde e confiamos em Deus. Sou negociante próspero, mas não ambicioso, dispondo do necessário para prover o lar de tudo quanto se faz indispensável. Mas não tenho joias, nem mesmo quaisquer outras pedras preciosas. Apesar disso, sim, sou feliz.

— Lamento decepcionar-te — redarguiu o viajante. Se não possuis diamantes, talvez jamais os hajas visto, não sabes o que é a felicidade, tampouco és realmente feliz.

Passando a outros temas, logo depois, recolheram-se ao leito.

O homem, que se sentia feliz, começou a pensar na informação que recebera, e pôs-se a ponderar a respeito do valor dos diamantes. Passou uma noite mal dormida.

No dia seguinte, o hóspede foi-se adiante, e, ao despedir-se, insistiu, sugerindo:

— Pensa nos diamantes, conforme te falei.

A partir dali, o homem tranquilo passou a cobiçar diamantes. Procurou conhecer alguns, e perdeu a paz.

Resolveu, por fim, vender a propriedade, deixou uma grande parte do dinheiro com um cunhado, a quem confiou a família, enquanto seguiu em longa viagem na busca de diamantes.

Garimpo de Amor

Vadeou rios, atravessou florestas, visitou montanhas e vales, venceu desertos, buscando sempre diamantes, sem jamais os conseguir.

Passaram-se os anos, ele envelheceu procurando diamantes, a enfermidade o vitimou e a morte arrebatou-o, sem que houvesse alcançado a felicidade através das pedras famosas.

Sua família, que houvera perdido o contato com ele, dispersou-se e sofreu amargamente o abandono, a miséria, a separação...

Aquele que lhe houvera comprado a propriedade, vivia feliz e era generoso para com todos.

Mais de um decênio transcorrido, o religioso viajante retornou à propriedade e procurou informar-se a respeito do antigo generoso anfitrião. Foi informado de que já não residia ali, de que houvera vendido a casa e as terras, sem que se soubesse do destino que elegera.

Convidado a pernoitar, na mesma residência, após o jantar, enquanto conversava com o senhor que o hospedava, observou sobre a lareira algumas pedras que brilhavam ao crepitar das labaredas. Levantou-se, segurou algumas delas, aproximou-as da claridade, e perguntou, emocionado:

— Onde encontraste estas gemas?

— Entre os seixos e outras pedras no riacho – respondeu-lhe o anfitrião, desinteressado. – Os animais pisam-nas, enquanto sorvem a água transparente, e porque me pareceram muito originais, trouxe algumas para decorara lareira.

— Homem de Deus! – exclamou o religioso, trémulo, quase a desvairar. – Estas pedras são diamantes. Amanhã, muito cedo, leva-me ao córrego...

... E passou uma noite inquieta, aflito.

Pela alva, seguiu com o proprietário na direção do regato, e quando lá chegaram, o religioso, com olhar de lince, constatou que as águas transparentes deslizavam sobre um leito de diamantes brutos, negros, brancos, amarelos, desprestigiados entre calhaus sem valor.

Desse modo, descobriu-se uma das maiores minas de diamantes do mundo, de onde saíram pedras fabulosas, algumas denominadas como Príncipe Orloff Koh -i-Noot; etc., que dormem em museus famosos do mundo ou brilham nas coroas de muitos reis.

O homem, que era feliz sem conhecer diamantes, deixou-os no quintal da residência para ir procurá-los, mundo afora, sem nunca os encontrar...

O mesmo fenômeno ocorre com o amor.

Garimpo de Amor

As vidas possuem o amor no seu imo, mas não o conhece. Necessitam de alguém que as desperte para o significado profundo e o valor incomparável desse tesouro. No entanto, muitos se referem ao amor como algo que está em tal ou qual lugar, apresenta-se nesta ou naquela situação, sob uma ou outra condição, indicando lugares onde raramente pode ser encontrado.

O amor radica-se no imo de todos os seres pensantes, esperando somente ser identificado, para realizar o mister par a o qual se destina.

Não exige sacrifício nem qualquer imposição externa, pois que pulsa, mesmo quando ignorado, realizando o seu mister até o momento em que estua de beleza e harmonia, dominando as paisagens que o agasalham.

La Fontaine escreveu que “nada tem poder sobre o amor; o amor tem-no sobre todas as coisas.”

O amor converte os sentimentos humanos e sublima-os, tornando-os santificados e libertadores.

Gandhi afirmava que “por mais duro que alguém seja, derreterá no fogo do amor; se não derreter, é porque o fogo não é bastante forte.”

O amor espera pacientemente no leito do rio existencial humano até o momento em que seja descoberto, passando pelo período de desbaste da ganga externa, a fim de que a sua luminescência esplenda em toda a sua glória estelar.

Não surge completo, acabado. Necessita ser trabalhado, aprimorado, bem orientado.

Quanto mais é aplicado, mais se aformoseia, e quanto mais é repartido, mais se multiplica em poder, valor e significado.

É o grande desafio para a existência humana, para a conquista do Espírito imortal.

O amor é um garimpo de diamantes estelares que deve ser explorado.

Possui gemas de diferentes qualidades e valores muito diversos.

De acordo com a coragem e a decisão de quem busca encontrar as suas riquezas insuperáveis, sempre oferece novos matizes e configurações especiais.

Assim pensando, ocorreu-nos compor uma pequena obra na qual pudéssemos apresentar o amor sob diferentes enfoques, relacionando-o com variadas situações e em relação a alguns desafios existenciais.

Não se trata de um trabalho original, nem de profundidade, pois que não foram esses os objetivos a que nos propusemos.

Garimpo de Amor

Buscamos expressar o nosso pensamento conforme as propostas de Jesus exaradas no Seu Evangelho, em aluai colocação psicológica, com caráter terapêutico para o corpo, para a emoção, para a mente, para o ser eterno que somos todos nós.

Esperando haver alcançado a meta que desenhamos, exoramos as bênçãos de Deus para todos nós, guardando a certeza de que os amáveis leitores que viajarem conosco através das páginas que lhes trazemos, conclui-las-ão certamente renovados e confiantes na vitória do amor em qualquer contingência existencial.

Maia (Portugal), 10 de novembro de 2002.

Amor e matizes

O amor é um tesouro que mais se multiplica a medida que se reparte.

Alcança-se a plenitude terrena quando se consegue amar.

Amar, sem qualquer condicionamento ou imposição, constitui a meta que todos devem perseguir, a fim de atingir o triunfo existencial.

O amor é um diamante que, para poder brilhar, necessita ser arrancado da ganga que o envolve no seu estágio primário.

Nasce do coração no rumo da vida, expandindo-se na razão direta em que conquista espaço interno, sempre mais expressivo e irradiante.

É realização do sentimento que se liberta do egoísmo, que se transmuda em compaixão, em solidariedade, em compreensão.

Possuidor de emoções superiores, expressa o nível de evolução de cada ser, à medida que se agiganta.

Quando alguém empreende a tarefa de ser aquele que ama, ocorre uma revolução significativa no seu psiquismo, e todo ele se transforma numa chama que ilumina sem consumir-se, numa tranquilidade que não se altera.

Não poucas vezes, aquele que desperta para o amor experimenta frustração e conflito, por não ser entendido ou esperar que os resultados do seu empenho sejam imediatos e logo a plantação de ternura seja abençoada pelas flores perfumadas da recompensa.

Trata-se, essa reflexão incorreta, de algum remanescente ainda egoístico em torno de equivocado conceito sobre o amor.

É muito gratificante acompanhar o desenvolvimento de qualquer empresa, observando os resultados que apresenta, os frutos que produz, as gratificações que oferece.

No entanto, não é essa a resposta do empreendimento afetivo.

Não estando as criaturas acostumadas ao amor, mas sim à convivência com as utopias, os interesses mesquinhos e competitivos, quando o defrontam, afligem-se, desconfiam, reagem negativamente, recusam-no. É perfeitamente natural essa conduta, porque defluente do desconhecimento dos inexcelsos benefícios do amor.

Tudo quanto é inusitado inspira suspeição. Porque alguém não se sente em condições de amar, não acredita que outrem se encontre nesse patamar do sentimento elevado.

Garimpo de Amor

O amor, porém, que insiste e persevera, termina por vencer quaisquer resistências, porque não se impõe, não gera perturbação, não toma, somente oferece.

O amor torna o ser compreensivo e dedicado, emulando-o a prosseguir na sementeira da bondade, do bem-estar próprio e geral. O amor é sempre mais enriquecedor para quem o cultiva e esparze-o do que para os demais.

O amor apresenta-se em variados matizes, que são resultados das diversas facetas da mesma gema, refletindo a luz em tonalidades especiais, conforme o ângulo de sua captação.

Expressa-se num misto de ternura e de companheirismo, de interesse pelo êxito do outro e de compreensão das suas dificuldades, de alegria pelas suas conquistas e de compaixão pelos seus desaires, de generosidade que se doa e de cooperação que ajuda.

Mesmo quando não aceito, não se entristece nem descamba em reações psicológicas de autopiedade, preservando-se do luxo de manter ressentimento, ou de propor o afastamento de quem o não recebe.

Pelo contrário, continua na sua tarefa missionária de enriquecer, às vezes desaparecendo da presença para permanecer em vibrações de doçura e de paz, sustentando o opositor e diluindo-lhe as impressões perturbadoras.

Deve ser enunciado ou pode manter-se em silêncio, a depender das circunstâncias, das ocorrências, dos fenômenos que se derivam dos relacionamentos.

O importante é que se transforme em ação paciente e protetora, sem asfixiar nem dominar a quem quer que seja.

Nunca desfalece, quando autêntico, embora haja momentos em que a sua luz bruxuleia um pouco, necessitando do combustível da oração que o fortalece, por vincular a criatura ao seu Criador, de Quem promana como infável recurso de plenitude.

Quando os relacionamentos humanos experimentarem o estímulo do amor, os famigerados adversários da sociedade – guerras, calamidades, fome, violência, vícios – desaparecerão naturalmente, porque desnecessários entre os seres, em razão de os seus conflitos, agora atenuados, não mais buscarem esses mecanismos infelizes de sobrevivência, de exaltação do ego ou de dominação arbitrária do seu próximo.

O amor tudo pode e tudo vence. Não se afadigando mediante a pressa, estende-se ao longo do tempo como hálito de vida que a mantém e brisa cariciosa que a beneficia.

Garimpo de Amor

Onde se apresenta o amor, os espectros do ódio, do ciúme, da cizânia, da maledicência, da perversidade, da traição, do orgulho se diluem, cedendo-lhe o espaço para a fraternidade, a confiança irrestrita, a união, a estimulação, a bondade, a fidelidade, a simplicidade de coração.

O amor é um tesouro que mais se multiplica, à medida que se reparte, jamais desaparecendo, porque a sua força reside na sua própria constituição, que é de origem divina.

Nada obstante, o amor não conive, não se amolenta, não serve de capacho para facultar a ascensão dos fracos aos estágios superiores, nem se submete ante a exploração dos perversos e dos astutos.

É alimento do Espírito e irradiação do magnetismo universal.

Enquanto se deseja ser amado, embora não amando, ser compreendido, apesar de não ser compreensivo, não se atinge a meta do desenvolvimento espiritual. Nesse ser, que assim age, permanece a infância psicológica que deseja auferir sem dar, desfrutar sem oferecer.

O amor compraz-se na reciprocidade, porém, não a torna indispensável, porque existe com a finalidade exclusiva de tornar feliz aquele que o cultiva, enriquecendo aqueloutro a quem se dirige.

Em razão disso, é rico de valores, multiplicando-se incessantemente e oferecendo apoio, plenificação e paz a quem o oferta e a quem o recebe, mesmo quando ignorando-o, por indiferença ou desequilíbrio.

Afinal, sendo de essência divina, nunca será demasiado repetir-se que o amor é a emanção da Vida, é a alma de Deus.

Amor a si mesmo

Jesus viveu o amor a si mesmo, à medida que se entregava ao próximo, a Humanidade.

O amor que se deve oferecer ao próximo é consequência natural do amor que se reserva a si mesmo, sem cuja presença muito difícil será a realização plena do objetivo da afetividade.

Somente quando a pessoa se ama é que pode ampliar o sentimento nobre, distribuindo-o com aquelas que a cercam, bem como estendendo-o aos demais seres vivos e à mãe Natureza.

O amor a si mesmo deve ser desenvolvido através da meditação e da autoanálise, porque, ínsito no ser, necessita de estímulos para desdobrar-se, enriquecendo a vida.

Esse autoamor é constituído pelo respeito que cada qual se deve ofertar, trabalhando em favor dos valores éticos que lhe jazem latentes e merecem ser ampliados, de forma que se transformem em luzes libertadoras da ignorância e em paz de espírito que impregne as outras vidas.

Sem esse amor a si mesmo, a pessoa não dispõe de recursos para encorajar o seu próximo no empreendimento da autovalorização e do autocrescimento, detendo-se nas sensações mais grosseiras do imediatismo, longe dos estímulos dignificantes e libertadores.

O amor a si mesmo dá dimensão emocional sobre a responsabilidade que se deve manter pela existência e sobre o esforço para dignificá-la a cada instante, aprofundando conhecimentos e sublimando emoções, direcionadas sempre para as mais elevadas faixas da Espiritualidade.

Dessa forma, é fácil preservar-se as conquistas interiores e desenvolvê-las mediante a aplicação dos códigos da fraternidade e da compaixão, da caridade e do perdão.

A consciência de si mesmo, inspirada pelo autoamor torna-se lúcida quanto aos enganos cometidos, ensejando-se oportunidade de reparação, ao tempo em que faculta ao próximo a compreensão das suas dificuldades na busca da felicidade.

Compreendendo a finalidade da existência terrena, a pessoa desperta para o amor a si mesma, trabalha sem desespero, confia sem inquietação, serve sem humilhação, produz sem servilismo e avança sem tensões perturbadoras no rumo dos objetivos essenciais da vida.

O amor a si mesmo contribui para a valorização das conquistas logradas e torna-se estímulo para novos tentames com vistas à realização de uma existência plena.

Ninguém, que se disponha a amar sem resolver as inquietações internas, que lhe produzem desamor, que conspiram contra a auto estima, conseguirá o desiderato.

Invariavelmente a falta do amor a si mesmo decorre de conflitos que remanescem da infância mal amada, de frustrações acumuladas e de projetos que não se consumaram conforme foram anelados, dando surgimento a complexos de inferioridade, a insegurança e a fugas psicológicas.

Muitas vezes, a pessoa que se não ama, encontra motivos frívolos para justificar o sentimento de vazio existencial, transferindo para o próximo aquilo que gostaria de desfrutar ou de possuir.

São detalhes físicos, que parecem retirar o conforto e a satisfação pessoal, na aparência ou na constituição, dificuldades de inteligência, posição social, problemas na saúde que, sem dúvida, não merecem maior consideração, e deverão ser enfrentados de maneira positiva, diferente, proporcionando estímulos para novos enfrentamentos, vitória a vitória.

Durante muito tempo, a pessoa coleciona o azinhavre da insatisfação consigo mesma, atribuindo-se fracassos que, em realidade, jamais ocorreram, infelicidades que não têm justificação, quando fazem comparações com outras pessoas que acredita ditosas e sem problemas.

Em uma atitude conflitiva, tenta amar-se, em luta feroz por acumular dinheiro, conseguir destaque na sociedade, tornar-se importante, invejada... Entrega-se ao trabalho exaustivo, inconscientemente para fugir à sua realidade, ou supondo-se insubstituível no desempenho da tarefa ou realização a que se entrega.

Ao começar a amar-se, descobre que são as pequenas coisas, aquelas aparentemente sem grande importância, que constituem significados alentadores.

Momentos de solidão para autoanálise e reflexão, instantes de prece silenciosa, refazimento através da música, de caminhadas tranquilas, de carícias a crianças ou animais, de cuidados com plantas, flores e adornos vivos, sentindo a vida fluir de todo lado.

Em outras ocasiões, conversações edificantes, destituídas de objetivos imediatistas, cuidados com a alma, preservando-lhe a lucidez em relação aos deveres e aos compromissos que lhe dizem respeito.

A seguir, torna-se necessária uma avaliação daquilo que é útil em relação ao que é secundário e a que se atribui significado exagerado.

O amor a si mesmo desempenha uma ação autoterapêutica, porque liberta dos conflitos de autopunição, de autocensura e de autocompaixão.

A compreensão dos próprios limites e possibilidades enseja um sentimento de alegria pelo já conseguido e de encorajamento em relação ao que ainda pode ser alcançado.

No cultivo desse propósito, o egoísmo não consegue alojamento, porque não há a ambição de posse ou de domínio, de superioridade ou de vitória, senão sobre as próprias paixões perturbadoras.

Jesus viveu o amor a si mesmo, à medida que se entregava ao próximo, à Humanidade.

Nunca se permitiu descurar da tarefa para a qual veio ao mundo.

Jamais se facultou transferir o culto do dever, mesmo quando perseguido, caluniado, vigiado pelos adversários gratuitos.

Não se facultou a tristeza ou a depressão, embora não faltassem motivos e circunstâncias para conduzi-lo ao desânimo.

Impertérrito, manteve-se afável com os enfermos e cansativos companheiros de ministério, dócil ante as misérias morais dos doentes da alma, compadecido da ignorância que vigia em toda parte, confiante em Deus em todos os instantes, até mesmo no Calvário...

...E por conhecer a grandeza de que era constituído não falhou, não temeu, não deixou de amar, embora desamado, injuriado e aparentemente vencido, terminando por vencer todas as injunções perversas e seus sequazes.

Amor e casamento

É necessário aprender-se a amar, porquanto o amor também se aprende.

A mais poderosa expressão do sentimento é o amor. Força incoercível, a tudo transforma e enriquece com a pujança de que se constitui.

Não foi por outra razão que Jesus o transformou no mandamento maior, aquele de mais alto significado, que abrange todas as aspirações e ideais da criatura humana.

Quando esplende no coração, faz-se dínamo gerador de energias que propiciam vida e fertilizam os seres, enquanto que ausente faz-se responsável pela debilidade das emoções e transtorno dos comportamentos.

O amor é de essência divina, por facultar os estímulos necessários para a sublimação dos sentimentos.

Em face da necessidade da reprodução dos seres, no homem e na mulher expressa-se como a força de atração dos sexos, que supera os impulsos primários e oferece estabilidade emocional para toda uma existência de união e de lutas renovadoras.

Quando viceja o interesse entre duas pessoas que aspiram à união, o amor faz-se responsável pelo equilíbrio e pela felicidade dos parceiros, produzindo energias que são permutadas a serviço da construção da beleza, da arte, dos valores dignificadores do pensamento e do conhecimento.

A medida, porém, que os impulsos diminuem de intensidade e os conflitos do relacionamento se estabelecem, desvitaliza-se e, não raro, consome-se.

Cabe, então, a cada parceiro, observar os desvios pelos quais se vem conduzindo e o comportamento que se tem aplicado, exigindo sempre mais do outro ao invés de avançar no rumo do seu entendimento.

Em favor da perfeita identificação, cabe-lhe não impor o que não pode oferecer, e mesmo que lhe seja factível essa doação, estimular o outro a que a logre, sem a necessidade de exigências ou caprichos que geram ressentimentos dispensáveis ou distâncias desnecessárias.

Nem todos os seres, no entanto, encontram-se aptos para amar, porquanto nem sempre aprendem como se ama e como se expressa o amor.

Quem não recebeu amor não sabe o que ele significa, nem como brindá-lo.

Especialmente quem lhe sofreu carência na infância, ressentir-se por toda a existência, tendo dificuldade de identificá-lo, quando surge, ou expressá-lo, quando já o possui.

Nessa ausência de sentimento de amor, confundem-se exigência e posse, capricho e morbidez com o nobre sentido da vida, ficando-se à margem da sua manifestação libertadora.

Eis por que é necessário aprender-se a amar, porquanto o amor também se aprende, aprimorando-se incessantemente.

Esse aprendizado é feito através de treinamento, de exercícios repetitivos, no início sem muita convicção, para, de imediato, passar-se a senti-lo em forma de bem-estar e de harmonia íntima.

A medida que se fixa no sentimento, ocorre uma mudança de comportamento, de saúde, de experiências humanas e o ser todo se transforma emulado pela sua dúlcida melodia envolvente.

Ao mesmo tempo, irrompe calmamente em forma de autoestima e confiança em si mesmo, fazendo que desabrochem os valores espirituais que dão sentido e significado à vida.

Lentamente, as emoções tornam-se compensadoras, por propiciarem alegria de viver e de participar do relacionamento afetivo com outra pessoa.

O amor que se dá é o amor que se recebe, e mesmo quando não é correspondido, abre espaços felizes para o perdão e para a compaixão pelo outro.

Certamente, o relacionamento amoroso no casamento não transcorrerá sempre sem incidentes ou dificuldades, que são perfeitamente compreensíveis.

No entanto, para que sejam ultrapassados esses impedimentos, a lealdade e o companheirismo tornam-se essenciais.

Sem a submissão que humilha, através dos mecanismos das imposições e chantagens emocionais, o amor dialoga sem agressividade, discute sem acrimônia, discorda sem ressentimento, esclarece os conflitos e preenche os espaços vazios, os afastamentos...

Quando um dos cônjuges silencia ante a injustiça, inevitavelmente passa a acumular mágoa e a confiança cede lugar à suspeição, que derrapa em desrespeito e desconsideração.

O amor, por isso mesmo, é generoso, compreensivo, mas verdadeiro, compartilhando de todas as ocorrências. Não anui com o erro para agradar, nem se escusa de cooperar em razão da presença de qualquer distúrbio.

Sempre estimula à desculpa e à generosidade, trabalhando, no entanto, pela compreensão e pela harmonia que devem vigor no relacionamento afetivo.

É o grande lutador contra o egoísmo, por fomentar a solidariedade e o bem geral.

Um relacionamento de amor é uma admirável experiência de aprendizagem constante, em cujo período de vigência apresenta angulações sempre novas e desafiadoras.

Desarma quem preserva dúvidas e suspeitas, permitindo que a pessoa sintase tranquila, nunca ameaçada, em sintonia com o anelo da legítima compreensão.

Quando o amor real suplantar os interesses imediatos do sexo, e a necessidade do companheirismo e da ternura sobrepujar as inquietações do desejo, o matrimônio se transformará em união ideal de corpos e de almas a serviço da Vida.

Para esse desiderato, cabe a cada parceiro o dever de não se deixar anular, a pretexto de afeição pelo outro, nem se permitir uma situação de subaltnernidade ou de servilismo, tampouco de presunção e prepotência.

O amor dulcifica e transforma para melhor, jamais se impondo ou constangendo.

O amor conjugal alça os indivíduos a patamares de harmonia e de alegria de viver incomuns, pois que tal é o seu objetivo, tornando-se clímax abençoado do desenvolvimento espiritual dos seres.

Eis por que a Divindade faculta a reprodução em clima de emoções elevadas, tornando o matrimônio o instrumento educativo e orientador para a construção da família ditosa na face da Terra.

Superado o primarismo da poligamia através do sentimento de amor, que exige fidelidade e respeito recíprocos, estabelecem-se os parâmetros de uma sociedade digna, como consequência natural de uma união de parceiros em elevado clima de compreensão e honradez.

Amor e comportamento

O amor contribui para o comportamento ditoso daquele que o cultiva.

O treinamento do amor na conduta torna-se indispensável para que se desenvolva e alcance níveis elevados de emoção.

O amor não surge concluído, em condições de esparzir suas vibrações em clima de plenitude. É resultado de esforço e conquista de que paulatinamente se enriquece, conseguindo estabelecer fronteiras nas paisagens íntimas do ser humano. É uma força irresistível que necessita ser bem canalizada a fim de produzir os resultados opimos a que se propõe.

Por isso, ninguém pode esperar que surja poderoso, de inopino, arrebatando, ao mesmo tempo felicitando.

Quando assim ocorre, trata-se de impulso inicial da sua manifestação, ainda arraigada aos desejos e aspirações pessoais, que anelam pela permuta de interesses imediatistas, longe do significado real que o deve caracterizar.

É um empreendimento emocional-espiritual muito específico, que exige o combustível da ternura e da afabilidade, para poder compreender e desculpar toda vez quando convidado a envolver as pessoas com as quais se convive.

À medida que se instala no homem e na mulher, altera-lhes o comportamento para melhor, dulcificando-lhes a existência mesmo quando esta se encontra sob os camartelos dos sofrimentos e das dificuldades. Suaviza a aspezeza da jornada e contribui em favor da alegria que deve ser preservada, mesmo que a peso de sacrifícios.

O amor não se deixa impressionar pela aparência física ou pelos atributos pessoais de outrem, embora, de alguma forma, esses possam contribuir em favor dos primeiros passos, como o fascínio, a aproximação, o intercâmbio afetivo, definindo-se depois pela própria qualidade de que se reveste.

Desdobra-se na convivência ou não com as pessoas que lhe recebem o alento, jamais diminuindo de intensidade por multiplicar-se largamente em todas as direções.

Pode-se amar a um número incontável de pessoas, com qualidade especial em relação a cada uma, sem que haja predominância de alguém em detrimento das demais. A sua chama nunca se apaga, porque não se consome, antes autossustenta-se com o combustível da alegria em que se expressa.

Nos relacionamentos agressivos e imprevistos da sociedade hodierna, como de outros passados tempos, não se influencia negativamente, corrompendo-se ou diluindo os vínculos, porque nada exige, possuindo a capacidade de compreender as dificuldades que sempre surgem, revigorando-se à medida que se doa.

O amor é otimista e sempre atuante, contribuindo eficazmente para o comportamento ditoso daquele que o cultiva.

Jamais agredindo, estimula os neurônios cerebrais à produção de moléculas propiciatórias à saúde e ao bem-estar, para evitar que os mesmos sejam bombardeados por toxinas procedentes do sentimento da amargura, do ressentimento, da revolta, do ódio...

Envolvente, é suave como um amanhecer e poderoso como a força ciclópica da própria vida.

Não se desnatura, quando não recebido conforme é do seu merecimento, nem se rebela, porque desdenhado. Mantém-se paciente e tolerante, por entender que o outro, aquele a quem se dirige, encontra-se doente, destituído de sensibilidade para recebê-lo.

A vigência do amor é o recurso mais hábil para uma real mudança de conduta da sociedade, que passaria a viver de maneira mais consentânea com as conquistas da Ciência e da Tecnologia, utilizando-se desse extraordinário contributo da evolução para tornar a existência terrestre muito mais feliz e menos preocupada.

Na raiz da crueldade e do crime encontramos o amor ausente naquele que se deixa arrastar pela loucura, que o não recebeu e não foi impregnado pela sua vitalidade prazenteira. Pelo contrário, acumulou resíduos de ira, de maus tratos, de indiferença e de perseguição, que se encarregaram de asfixiar quaisquer possibilidades de vivência da compaixão e da misericórdia, que são filhas diletas do amor.

Complexos de culpa e de inferioridade, rebeldia sistemática, amargura continuada, distímia contumaz são os frutos espúrios de uma existência sem amor, que se desenvolveu longe da esperança e da compreensão.

Esse coração sempre esteve fechado à irradiação do sol do amor, que não conseguiu penetrar-lhe a intimidade, alterando-lhe a pulsação emocional.

É necessário que se abram os sentimentos à sua presença, de forma que qualquer lampejo produza claridade interior, estimulando ao aumento de luminosidade.

Exercitando-se a vivência das suas vibrações, aumenta-se a capacidade de senti-lo e expressá-lo nas mais diversas situações.

Ao mesmo tempo, especial bem-estar domina o comportamento, proporcionando emoções enobrecidas e aspirações elevadas que objetivam a harmonia geral.

Quando alguém ama, o mundo começa a transformar-se. Basta que esse sentimento seja direcionado, indiscriminada ou especificamente, em favor de alguém e logo ocorre uma real mudança na psicosfera do indivíduo, que se irradia em toda as direções, modificando a estrutura perturbadora e desconfiada que por acaso exista à sua volta.

Conforme o Sol é sempre novo em cada amanhecer e sua luminosidade enriquece de luz e calor a Terra, o amor esplende de beleza e de vitalidade a cada momento em que se expande. Se houver noite moral, ele se torna claridade fraternal; se permanece a suspeita, ele oferta segurança; se campeia o desencanto, ele faculta a confiança, porquanto a todos aquece com o vigor da bondade e da paz.

Dizem os escritos evangélicos que Deus amou tanto ao mundo e à Humanidade, que ofereceu o Seu Filho, a fim de que, crendo n'Ele, todos encontrassem paz e felicidade.

Também se pode dizer que, amando-O, todos desfrutarão de equilíbrio e ventura.

Amor e compaixão

O amor é essencial para o comportamento equilibrado e propiciador do progresso moral, tecnológico, social e espiritual da sociedade. Começando em um indivíduo, termina por envolver todas as criaturas.

O amor é vida e a compaixão manifesta-lhe a grandeza e o significado.

O amor possui dimensão infinita. Quanto mais se distende, mais espaço adquire para crescer.

Quando o ser está preenchido pelo amor, nada de mau o atinge, perturbação alguma o desequilibra, porque não há espaço vazio para a desdita nem para o aborrecimento.

A semelhança do espaço em geral, nada se lhe adere, mesmo quando atirado propositalmente, porque está repleto, não havendo lugar para novos acúmulos. Se lhe atiram perfume ou matéria em decomposição, blasfêmia ou enaltecimento, tudo passa, sem o atingir, tombando no solo ou perdendo-se no ar.

Assim é um coração rico de amor e referto de compaixão. Plenificado, não oferece campo para outras expressões de desconforto e de ressentimento, de ansiedade e de medo.

Quando se aceita a presença do medo e se lhe permite dominação, congela-se a atividade do progresso e retém-se o impulso de realização na paralisia imposta pelo algo impenitente.

O medo, a culpa, a mágoa constituem vapores morbíficos que intoxicam o ser, transformando-se em ferrugem corrosiva nas engrenagens da alma, que emperram, dificultando a finalidade da evolução, para a qual todos se encontram incursos nos Estatutos da Vida.

O amor prolonga a vida, porquanto a sua vigência é contagem infinita, mesmo quando há limites propostos pelo espaço-tempo da relatividade humana.

Dessa forma, a vida tem a duração do amor. Há aqueles que morrem antes do momento programado, porque deixaram de amar, ficando asfixiados na falta de motivação para viver.

Um indivíduo, que cultiva a compaixão e preserva o sentimento de amor, transforma-se em foco de luz que dilui as sombras, em patamar de paz que acalma os conflitos, em segurança fraternal que sustenta o companheirismo, em harmonia irradiante que se prolonga sem cessar...

A vida é curta somente para quem não frui a felicidade do amor, porquanto a sua vigência supera tempo e lugar, circunstância e ocorrência, tornando-se um continuum abençoado.

Esse processo de amor e de compaixão robustece as forças do navegador no oceano da matéria, porque o mantém vinculado à Estrela Polar Divina, que o norteia, apontando sempre o rumo correto por onde seguir.

Mesmo quando surgem impedimentos e ruge a tormenta, a nau da confiança não abandona o roteiro, vencendo as procelas e recuperando a tranquilidade da navegação.

Essa decisão não significa ausência de esforço, de luta, de trabalho, de desafios.

Fosse diferente, e seria morbidez, parasitismo, não amor, menos compaixão, porque somente eles robustecem o ânimo e fortalecem a capacidade de empreender novas conquistas, mediante o trabalho, o esforço que deve ser envidado para conquistá-los.

O amor é vida, e a compaixão manifesta-lhe a grandeza e o significado.

Unidos, renovam o mundo. Mas é necessário que, para a Humanidade tornar-se melhor, alguém comece amando-se, amando e tocado pela compaixão.

Para amar é necessário começar. Ninguém será surpreendido pela pujança do amor total, antes de havê-lo iniciado em pequenas experiências e vivências do cotidiano.

Às vezes, por meio de uma insignificante manifestação de ternura, um gesto de desculpa, uma ação de misericórdia ou uma formulação de beneficência.

O amor autovitaliza-se, nutrindo-se da própria energia que esparze.

No exercício da compaixão por si mesmo, o amor ensina que as criaturas são o que lograram no longo percurso das reencarnações, que ainda se encontram em fase de imperfeição, tendo o direito de errar e de experimentar dislates, não se permitindo, porém, a tolerância de permanecer nos equívocos, nos compromissos infelizes, após tê-los identificado. Também descobrirá que essa renovação não será operada por milagre, por fenômeno apenas do querer, mas sobretudo do empenhar-se pelo conseguir.

Mediante exercício diário de reflexão, aprofundando a sonda da perquirição em torno do Si, surgem os fantasmas do passado, os cobradores da consciência, os clichês dos remorsos, os impositivos da culpa em acusações incessantes, que devem ser liberados e diluídos.

Libertar-se da culpa é fundamental, a fim de não se atormentar com o receio do castigo.

Arreponder-se, sinceramente, do mal que haja feito a alguém, constitui terapia valiosa, gerando oportunidade para a reparação de todo e qualquer prejuízo que lhe haja propiciado, sem mágoa pelo passado nem angustiante expectativa pelo futuro.

Vencer os apegos a pessoas e coisas, a lembranças escravizadoras e a ansiedades de conquistas sem valor, representa também um recurso valioso para o amor e para a autocompaixão, que se exteriorizará em forma de compreensão dos delitos alheios e das suas dificuldades e limitações.

Revisar conceitos de comportamento e reavaliar atitudes são métodos significativos para a paz de espírito, no tumultuado relacionamento social.

À medida que se for vencendo a timidez e a culpa, peregrina alegria de viver tomará conta das paisagens emocionais, facilitando o trânsito pelos difíceis caminhos da fraternidade, porque estímulos inabituais surgirão para mais amar-se e mais amar.

Compadece-te dos teus próprios erros e reabilita-te, envolvendo-te na claridade diamantina do amor e viajando na direção da felicidade.

Quanto mais ames, mais sentirás necessidade de fazê-lo, porque estarás pleno de alegria e desejo de viver.

Reservando-te espaços mentais e emocionais para releitura e recomposição dos teus comportamentos, vivenciarás a compaixão pelo teu próximo e pelos teus inimigos que o deixarão de ser, embora prossigam inamistosos contra ti, mergulhados nas sombras que geram à própria volta.

Não os reproches, não tentes conquistá-los mediante argumentações e justificativas.

Ama-os de longe e concede-lhes o direito de estarem assim por enquanto, até o momento em que despertem para a própria felicidade.

Descongelando a indiferença nos teus sentimentos, o calor do amor te impulsionará à natural compaixão que vive em ti na direção de tudo e de todos.

Amor e resistência

O amor é possuidor de coragem imbatível, onde quer que se apresente.

Assevera-se equivocadamente que o amor torna a pessoa fragilizada, dependente, sujeita a ser enganada, em razão da confiança que deposita em outras criaturas que não são dignas sequer de respeito, menos de consideração.

O argumento, destituído de qualquer legitimidade, serve de bengala psicológica para aqueles que sofrem de conflitos e de insegurança, encontrando motivo para evadir-se da prática do sentimento elevado.

O amor fortalece sempre aquele que o cultiva, porque o vitaliza, e quando se direciona a alguém, de maneira nenhuma torna-o submisso a esse afeto. Dá-lhe, ao inverso, uma visão correta dos valores que exornam o caráter do outro, sem que isso lhe diminua o sentimento que vigora em forma de estímulo e socorro, nunca para usufruir e beneficiar-se.

Certamente há muitas pessoas que não sabem entender o sublime fenômeno do amor, e se utilizam dessa dádiva com que os demais as honram, não correspondendo à confiança, procurando tirar proveito, enganar, explorar...

O amor, porém, não se equivoca quando é verdadeiro e tem as suas raízes fincadas nos objetivos elevados da lídima fraternidade.

É claro que percebe as manhas e deficiências morais daquele a quem se dirige, exatamente por ser nobre e produtivo, nunca se submetendo a quaisquer caprichos.

Se, por acaso, cede, em alguns momentos, talvez seja para demonstrar a qualidade de que se constitui, porém perfeitamente lúcido, conseguindo discernir os aparentes dos verdadeiros valores morais.

O amor é possuidor de coragem imbatível, onde quer que se apresente.

Quando Jesus jornadaava sob o peso da cruz pela via dolorosa, em abandono por quase todos aos quais se doara, estoicas mulheres que O amavam, romperam com o preconceito e desacataram o status perverso que as considerava inferiores, para segui-IO ao Calvário e ali ficarem até o momento extremo.

Impulsionadas por essa energia incoercível, enfrentaram os doestos e as chocarrices dos maus e dos insanos sem qualquer receio, conscientes do dever de acompanhar Aquele que as convidara para o banquete da felicidade, ajudando-as a vencer todas as barreiras que as isolavam do mundo social,

submetendo-as aos caprichos e às paixões primitivas dos dominadores das suas existências.

...E tornaram-se símbolo de vitória sobre as injunções penosas que as restringiam.

O amor deu forças a Jesus na Cruz, de forma que suportou todas as crueldades que Lhe foram impostas com sobrançeria e misericórdia.

Fê-lo silenciar diante dos falsamente fortes, que pareciam ter poder sobre a Sua vida, permanecendo calado diante da massa ignara que tanto amava, para comunicar-se com o criminoso ao Seu lado, no momento extremo, concedendo-lhe esperança de renovação e de imortalidade em triunfo.

Resistindo à debilidade orgânica sob o exaurir das energias, foi o amor que Lhe facultou prosseguir durante as horas agônicas em irrestrita confiança em Deus.

Não bastassem todos os testemunhos, demonstrando a excelência desse incomparável sentimento, ainda pôde rogar ao Pai que perdoasse a ignorância e a ignomínia daquelas criaturas perdidas em si mesmas, que O matavam.

O amor é portador de expedientes inesperados, abrindo portas que pareciam fechadas e ampliando o seu campo de ação quando tudo são limites e pequenezes.

Foi o amor que levou o Mestre a reconvocar Simão Pedro ao ministério espiritual, arrancando-o do remorso resultante da negação e da culpa, de tal forma que, renovado, mais tarde se deu também em holocausto, tocado pela magia irradiante desse sublime sentimento.

Também foi o amor que inspirou o Rabi a buscar Judas nas regiões penosas do Mundo Espiritual inferior, para facultar-lhe oportunidades de redenção e de progresso através dos tempos, edificando-o para sempre.

Não há conjuntura difícil que o amor não solucione, nem situação penosa que não suavize e acalme.

A pessoa que ama não é ingénua, que possa ser facilmente enganada, nem é sagaz, astuta, para dominar. É lúcida, consciente do significado da vida e dos objetivos que deve perseguir, investindo-se de sentimentos relevantes, para que alcance, patamar a patamar, as Esferas da Imortalidade vitoriosa.

Quando não é autêntico, o amor é irracional, deixando-se amesquinhar e vencer pelos agiotas e chantagistas da emoção perturbada. Facilmente se rebela e se desconcerta, tombando no desânimo e na mágoa, porque as suas não são as estruturas de segurança que facultam a elevação e conduzem ao bem verdadeiro.

O investimento no amor é o de maior segurança e rentabilidade, porque de sabor eterno, sem perigo de perder-se ou ser defraudado sob qualquer aspecto.

Há uma claridade interna que vige no amor, na qual tudo se esclarece e se torna fácil de entendimento.

Como luz, o amor é fonte inexaurível de energia benéfica, facultando saúde e promovendo a paz.

Enquanto existe, não se lhe extingue a luminescência nem lhe escasseia a harmonia.

Quando amas, tornas-te generoso e afável, mas não pródigo em excesso ou dedicado em extremo, caso as circunstâncias não te favoreçam com os meios para expores os sentimentos de afetividade e companheirismo.

Por isso, ninguém pode prejudicar-te ou desmerecer-te a confiança, em razão da claridade interior que te leva ao discernimento dos parâmetros que devem orientar a expansão da tua afabilidade.

Diante do leito do filhinho enfermo, noites a fio, pais abnegados têm forças para resistir a todos os lances dos dramas cruéis, sustentados pelo amor, sem dar-se conta de si mesmos, dos seus limites e das suas possibilidades.

Ama, portanto, a cada criatura, especialmente aquelas que não são dignas de amor, como filhos doentes que estão no seio da Humanidade esperando a tua doação, a fim de crescerem e de se libertarem das imperfeições morais em que se firmam.

Amando sempre, alcançarás o objetivo existencial e terás resistência para todos os embates que a vida sempre reserva.

Amor e companheirismo

O amor projeta o que se é naquele a quem se vincula afetuosamente.

O companheirismo fortalece-se através da vitalidade do amor.

Nem sempre transcorrerá em clima de total identidade de propósitos e de sentimentos, como é natural, pois se trata de duas ou mais pessoas outras envolvidas na afetividade, no relacionamento fraternal. Por extensão, na convivência a dois, quando os interesses se apresentam ricos de esperanças, mas o comportamento é descuidado, sem arquivos de maturidade psicológica, desfaz-se, por falta de estrutura e de profundidade.

Pensa-se que a finalidade do companheirismo é fugir-se ao tédio, à solidão, e nunca se procura nele identificar o significado do amor, os benefícios dele defluentes, as satisfações da convivência e da amizade.

Pessoas que se sentem solitárias buscam relações com o propósito de fugir do desconforto que as assalta, porque isoladas, sem campo emocional para expressar os seus estados interiores. Não obstante, pareça justa a busca, não alcança o objetivo, por tratar-se de uma fuga e não de uma realidade.

Quem assim procede, pensa apenas em receber, em vencer os conflitos, apagar os ressentimentos íntimos que guarda contra si mesmo, terminando por transferi-los para aqueles com os quais pretende identificar-se.

Somente um trabalho de autodescoberta facilita a comunicação com os demais indivíduos, porquanto, ao serem identificados os traumas e as inquietações, as ansiedades e os desejos, não os transfere para os outros, procurando vencê-los em si mesmo antes que lutar contra, projetando-os como imagens detestáveis que são vistas nas pessoas a quem procura amar.

Quando se está carente de afeto e se desejam relacionamentos amorosos, o romantismo toma conta da imaginação e estabelecem-se normas de afetividade, nas quais o outro deve preencher as lacunas internas e os vazios existenciais.

Formulam-se programas de convivência exterior, como os passeios, divertimentos, refeições em restaurantes e lugares paradisíacos, teatros e cinemas, dando campo às emoções que logo passam, trazendo de volta a mesma insegurança, insatisfação e tédio...

Somente quando se é capaz de vencer os distúrbios íntimos e os autorressentimentos, é que se pode amar e buscar relacionamentos que estejam liberados de projeções perturbadoras e de fáceis atritos desgastantes.

É comum descobrir-se pequenas coisas que são detestáveis, quando praticadas pelo ser com quem se relaciona ou a quem se afeiçoa. Não obstante, essa repulsa decorre de intolerância interior a atitudes semelhantes que a pessoa mantém e não se dá conta de como procede. Ao combater aquilo que lhe é desagradável no outro, está-se descobrindo, inconscientemente, a respeito de comportamentos iguais que vivencia e que, certamente, incomodam também ao companheiro que os silencia.

O amor no relacionamento é semelhante a um espelho, que projeta o que se é, naquele a quem se vincula afetuosamente.

Em face dessa realidade, torna-se necessário o diálogo honesto e coerente, evitando-se as brigas, que ressaltam os caprichos do ego, as imposições da personalidade dominadora.

Ninguém ama submetendo, nem se permite amar sob sujeição.

O amor é livre e expressa-se em total liberdade, sem o que manifesta interesse e conveniência, normalmente de efêmera duração.

Da mesma maneira que dialoga, sabe silenciar nos momentos próprios em que o outro necessita de introspeção, de harmonia interna, de solidão saudável.

Evitando ser ruidoso, em nome da falsa alegria, também não deve permanecer em quietação, traduzindo indiferença.

Há uma medida sábia para aquilatar-se quando se está discutindo com equilíbrio ou se está impondo o tormento da desconfiança, da irritabilidade, da acrimônia. Isso se dá quando se dialoga para esclarecer e ajudar, ou quando se utiliza da palavra para ferir, para demonstrar superioridade, para magoar...

A repetição de cenas desagradáveis deixa resíduos interiores que se convertem com o tempo em ressentimento e amargura, abrindo espaços e distâncias entre as pessoas.

Inevitavelmente, momentos surgem nos quais os sentimentos do afeto e do companheirismo confundem-se, apresentando exigências e solicitando preferências pessoais.

É claro que se trata de manifestações humanas, ainda muito distantes das expressões angélicas. Isso, porém, não deve desanimar, antes estimular a novos investimentos e insistentes experiências de tolerância, de compaixão e de bondade.

O amor está sempre aberto e receptivo para as comunicações emocionais, desde um olhar gentil a um gesto afável, a uma comunhão saudável e plenificadora.

Quando se ama e se busca companheirismo nos relacionamentos sociais, espirituais, há um enriquecimento interior que se expande na direção da Natureza, do mundo terrestre, do Universo...

Esse amor ao próximo, que deflui daquele que se tem por si mesmo, atinge o pórtico daquele que se deve dedicar a Deus.

Trata-se de uma emoção esplendorosa interior, que contagia o sensível e o imperceptível, o visível e o espiritual, atraindo o psiquismo dos seres elevados da Espiritualidade, que passam a compartilhar dessas vibrações e inspiram a direcioná-las em favor da humanidade em sofrimento, em carência e em desolação.

O amor é imbatível no seu objetivo e indestrutível na sua constituição, porque emana do Criador e a Ele volta.

Sempre que olhes a pessoa amada, o companheiro de que necessitas para os relacionamentos humanos, sociais e emocionais felizes, faze dela um espelho e observa como te vêes nele refletido.

Não lhe exijas em demasia aquilo que não lhe ofertes em generosidade. Talvez ela não saiba retribuir, mas se permaneceres oferecendo-lhe gentileza e paz, chegará o momento em que também se abastecerá de alegria e de gratidão, que são respostas do sentimento que ama.

O amor é grato e é generoso, porque felicitando, santifica e eleva a criatura do nível da necessidade ao patamar da abundância.

Ama, e mais compreenderás a bênção do companheirismo, do relacionamento gentil, pelo que experimentes e pelo que transmitas a todos aqueles que se te acerquem e compartilhem das tuas elevadas emoções.

Amor e saúde

Um coração aberto ao amor torna-se afável e possuidor de tesouros de alegria e de bem-estar.

A necessidade de manter o coração aberto é imprescindível para a instalação do amor.

Isso significa permanecer em inocência, sem os resíduos da perversidade, da insensatez, da maldade dos relacionamentos infelizes.

Os dias tumultuados, que exigem movimentação e astúcia para a sobrevivência, geram conflitos que fecham o coração a novas experiências e afeições, em razão do medo que dele se apossa, gerando desconfiança e inquietação.

Um coração aberto significa estar acessível à linguagem do amor que se encontra ínsito em toda parte: no ar que se respira, na paisagem rutilante ao Sol, na sinfonia de sons da Natureza, nos sorrisos despreocupados da infância, na velhice confiante, no próprio pulsar da vida como manifestação de Deus.

Com o coração aberto podem-se ver melhor os acontecimentos e identificar as pessoas, compreender as ocorrências desagradáveis e trabalhar em favor do progresso, avançar no compromisso dos deveres e nunca recuar ante os insucessos, que são apenas transferência no tempo em relação ao êxito que virá.

Com essa atitude torna-se mais fácil perdoar, por causa da presença da compaixão, o que não equivale a dizer que se permitir ferir pela crueldade dos outros, mesmo não os desvinculando dos seus sentimentos, não lhes revidando o ato com o mesmo mal.

Evitando acumular o bafio pestoso na mente ou no coração, respira-se melhor e readquire-se o ritmo do equilíbrio que vem sendo afetado pelas perturbações que grassam e pelo materialismo que desarticula os princípios de ética e de amor, exigindo o aproveitamento de cada momento, a vitória a qualquer preço, mesmo que através da destruição de outrem...

Assim, torna-se inevitável que a saúde se instale, que as resistências imunológicas se fortaleçam, e um vigor diferente, inusual, tome conta das células, estimulando-as à equilibrada mitose que lhes proporciona vida.

É provável que experimente enfermidades, transtornos momentâneos, desajustes orgânicos, ficando doente, nunca, porém, sendo doente.

A capacidade para enfrentar as ocorrências difíceis robustece o ânimo, que não se quebranta por questões de somenos importância, e mesmo quando são graves, facultam bom senso ao situar-se na reflexão e renovar-se, mantendo-se ativo na luta e perseverando nos propósitos saudáveis.

Um coração aberto ao amor torna-se afável e possuidor de tesouros inigualáveis de alegria e de bem-estar, que proporcionam interesse e despertam atenção nos outros, que o buscam sedentos de ternura, ansiosos por paz.

O coração fecha-se quando agasalha a amargura, dá campo ao pessimismo, acumula recriminações e azedume, coleciona ressentimentos... De imediato, a saúde cambaleia e, aprisionado nesse labirinto de aflições, o ser desgasta-se e perde a direção de si mesmo.

O coração que se abre nunca se queixa, nem reclama, porque o amor que possui torna-o dócil e gentil, não exteriorizando venenos que não se lhe encontram em depósito.

Põe a luz da compaixão por ti mesmo nos olhos da tua afetividade, a fim de que dilua as sombras que remanescem dos dias da infância incompreendida, dos relacionamentos desagradáveis, das lembranças tormentosas.

À medida que essa claridade do amor se esparza, atrairá forças generosas que te conduzirão sempre em paz pelas mais difíceis estradas humanas, contagiando todos quantos se te acerquem, mesmo que se não deem conta de imediato.

Quando determinados padecimentos te assinalem as horas, recolhe-te em meditação, orienta a respiração para a área dolorida e procura relaxar a tensão que se te tornou habitual e já não controlas.

Há muitas dores e constrictões orgânicas, nervosas, que são resultado de somatizações do coração fechado, amargurado ou triste, inquieto ou desconfiado.

Quem o possui aberto, adquire a faculdade de sorrir e de confiar, estendendo mãos e emoções amigas aos transeuntes do caminho evolutivo.

Livre da autopiedade e da perversidade da autocensura que castiga, torna-se capaz de examinar os insucessos transatos com naturalidade, permitindo-se reabilitação e refazimento de caminhos e metas. Não se detém na análise prejudicial da culpa, antes adota a postura positiva do arrependimento edificante, que abre espaço para a recuperação de si mesmo e perante a sua vítima, ou contribui para o desaparecimento dos prejuízos causados pela irresponsabilidade.

Não adere à postura de infeliz porque errou, considerando que todos experimentam equívocos e que a estrada do progresso é pavimentada pelos enganos e corrigendas até ao asfaltamento seguro do piso que lhe serve de estrutura.

Ninguém atinge as cumeadas de qualquer empreendimento sem os passos iniciais do começante, cuja experiência e sabedoria chegam depois da vivência das realizações.

A saúde, como decorrência natural do processo de abrir-se o coração à luz, ao entendimento, à afeição, instala-se, suportando todas as investidas do tempo, do lugar e das circunstâncias, embora nem sempre positivas.

Permanece de coração aberto ao amor e nunca te permitas encarcerá-lo na suspeita, enchê-lo de vazios emocionais...

Somente um grande sacrifício é digno de uma elevada recompensa. Portanto, somente através da abertura do coração, em totalidade de inocência e de confiança, podes experienciar alegria plena e felicidade sem jaça.

Nunca te esqueças do papel fundamental que desempenha a oração na abertura do coração e na preservação do amor.

A oração é um fio invisível que liga a criatura ao seu Criador, produzindo perfeita identificação entre a necessidade e a abundância, mantendo o ritmo superior da vida.

O coração que ora, estua de vitalidade, e, quando ama, possui Deus, que oferta indiscriminadamente.

A oração unvida de ternura e de emotividade expressa, ao mesmo tempo, a qualidade de amor que a criatura se devota, distende ao próximo e alcança a Divindade, tornando-se-lhe alimento e força para a vilegiatura carnal.

Amor e desapego

O amor propicia o desapego a tendências negativas, pessoas, coisas e utilidades.

Indispensável tornar o amor um estado de espírito, uma condição natural no processo de crescimento interior, uma fatalidade que deve ser conseguida quanto antes.

A medida que se posterga a vivência desse sentimento, que é força vital e dinamizadora, o sentido existencial padece hipertrofia de finalidade, por que destituído de riqueza, de aspirações do belo, do bom, do libertador. Mesmo que vicejem tais aspirações, apresentam-se debilitadas, porque procedem dos sentidos físicos, de ambições egoístas, de necessidades para o prazer, sem o contributo valioso e de profundidade, que tem por base o Espírito em si mesmo e suas legítimas ambições de imortalidade e triunfo sobre as vicissitudes e amarras com a retaguarda.

Amar deve significar a aspiração máxima do ser que transborda de emoções relevantes e deseja reparti-las a mancheias, como quem distribui luz objetivando a vitória sobre toda treva, qualquer sombra.

Essa força, que domina o coração e se expande mediante as ações, altera por completo o rumo da existência física, concedendo-lhe um colorido especial e uma finalidade superior, que deve ser buscada sem cansaço, adornada de otimismo e de paz.

Trazer esse amor para todos os momentos da vida, é torná-la digna de ser experienciada, capaz de ser transformada em triunfo.

A Humanidade sempre teve expoentes desse amor, que lhe constituíram razão de desenvolvimento e de conquistas em todos os setores do processo de crescimento moral, intelectual, artístico, cultural, tecnológico, religioso, espiritual, sem cujo contributo, por certo, as criaturas ainda se encontrariam às faixas primitivas do processo da evolução.

Foram esses homens e mulheres forjados no amor e distribuidores de amor, que se olvidaram de si mesmos, que promoveram a espécie aos patares de que hoje desfruta.

Não pensaram primeiro em si, mas desenvolveram interiormente a capacidade de doação, de tal forma que o bem geral constituiu-lhes o motivo para que lutassem estoicamente, vencendo os próprios limites e dificuldades, de maneira que a enfermidade, a intolerância, o atraso moral e mental dos seus coevos não se lhes transformaram em impedimento para a construção do

mundo melhor. E mesmo quando se lhes exigiam a existência, deram-na, fiéis à confiança e certeza de que o seu era o trabalho de libertação das massas e de promoção da sociedade.

Tornaram-se modelos porque demonstraram que a felicidade é mais risosa quando objetiva o próximo sem detença, oferecendo-lhe motivações para existir e seguir adiante, conquistando espaços de harmonia.

Isso ocorre porque, toda vez que alguém se ilumina pela chama do amor, oferece mais claridade ao mundo, torna-o melhor e ensaja que outras vidas também se clarifiquem, libertando-se dos atavismos cruéis da ignorância, do preconceito, da crueldade.

O amor é sempre feito de compaixão e torna-se finalidade essencial da vida por expressar valores que não se amontoam, que não enferrujam e ninguém consegue roubar, porque se encontram à disposição de todo aquele que os deseje possuir, recebendo-os jovialmente e de maneira especial.

O nosso amor modifica a estrutura da sociedade, que se encontra vitimada pelas guerras e por diversas calamidades que geram sofrimento e alienação.

Com a contribuição do amor, modificam-se essas condições, e, graças à Ciência e à Tecnologia que aproximam criaturas e povos, ninguém mais desconhece as necessidades que afligem o mundo, permanecendo indiferente ao seu destino amargo.

Assim, qualquer contribuição de afeto, por pensamento, mediante palavras e através de atos, encarrega-se de tornar menos densa a psicofera em que se movimentam os seres, menos venenoso o ódio que campeia desenfreado, mais animador o espírito de competitividade sem os extremos de dominação e de arbitrariedade.

Isso porque o amor é destituído de vilania e de interesses doentios.

O amor propicia o desapego a tendências negativas, pessoas, coisas e utilidades.

É imparcial e generoso para com tudo e com todos, não se permitindo prender, escravizar-se ou reter, impedindo o avanço de outrem, a realização pessoal do ser amado, nem acumulando recursos amoedados ou não, que se transformam em cárcere de sofrimento.

Nesse cometimento em favor do desapego, vale ressaltar que o mais difícil é a libertação das impressões perturbadoras que remanescem no imo como herança do passado infeliz, transformando-se em ressentimentos, ódios, angústias, ciúmes, que necessitam ser superados.

É comum negar-se essas vivas expressões perniciosas do caráter, recalcando-as, sem as eliminar, o que lhes permite reaparecer com frequência, dominando as paisagens interiores e asfixiando as aspirações da felicidade.

Um esforço honesto para reconhecer-lhes a presença dominadora auxilia no empreendimento pela sua superação. Aceitar a sua existência não significa concordar com as manifestações que irrompem com periodicidade, mas substituir, lentamente que seja, porém com denodo, cada uma dessas paixões nefastas, abrindo espaços para o surgimento dos valores positivos, do amor que deverá predominar.

Nesse campo emocional, que está sendo arado com bondade e coragem de produzir melhor, despontam então a alegria, a paz, a vida exuberante, que passam a substituir aqueles cruéis inimigos da plenitude.

O amor preenche os vazios interiores, fazendo que desapareçam as falsas necessidades externas. Por isso, amplia-se sempre no rumo do infinito, envolvendo aqueles que se encontram próximos como a todos quantos se situam a distância.

Quando atinge o seu clímax, tem características idênticas em relação àqueles aos quais se direciona, sem privilégios nem imposições.

Por isso renuncia, ensinando que a posse excessiva é crime contra a escassez dominante.

Da mesma forma, demonstra que os atavismos perversos, a que muitos indivíduos se vinculam, necessitam ser deixados à margem, superados e substituídos, sem saudades ou tormentos, abrindo veredas a experiências novas e a realizações pacificadoras.

É certo que tal providência exige coragem e combatividade, espírito que anseia pelo progresso e se ama, tomando a decisão de não mais permanecer na retaguarda do processo evolutivo, em razão da lucidez mental de que se sente possuidor.

O desapego material é importante na desincumbência do esforço por amar, no entanto, mais grave e significativo é o de natureza emocional, em referência aos vícios, às tendências primitivas, aos sentimentos inferiores.

Não dê guarida à atração do mal, seja como for que se te apresente.

Ama-te, a ponto de te transformares em exemplo de vitória sobre a inferioridade moral, tornando-te cooperador do esforço que outros envidem no mesmo sentido.

Assim, compreenderás quanto é difícil para o próximo libertar-se daquilo que nele te desagrada, em face do que em ti igualmente a outros perturba.

Garimpo de Amor

Esse amor, que se inicia no teu esforço, em breve tomará conta de ti com tal força que não mais haverá espaço interior senão para amar e servir.



Amor e interação

Passo a passo, o amor vai produzindo interação entre aquele que ama e todos quantos são amados.

Quando o amor é pleno, interage com tudo e com todos.

Modifica o ambiente em que se apresenta e transforma o mundo, porque a sua óptica é correta, sem as distorções que caracterizam os tormentos humanos.

Até que alcance esse nível de elevação, transita por diversas fases de desenvolvimento e de fixação emocional.

A princípio, é temeroso, embora a ambição de crescimento; expressa-se com excessivo cuidado, evitando qualquer constrangimento; limita-se a grandes silêncios, por insegurança de expandir-se verbalmente; disfarça-se em outras expressões, a fim de não ser incompreendido. Somente com os instrumentos da perseverança e da certeza da sua vitória, expande-se e avança galhardamente, ganhando espaço.

Não mais se preocupa com aquilo que as pessoas pensam, mas se tranquiliza pelo que proporciona de agradável e compensador a benefício geral.

Reconhece que, se não conseguir modificar as pessoas amadas, o que também dependerá delas mesmas, auxiliá-las-á a sentir-se compreendidas e envolvidas pela ternura, o que lhes corresponderá a estímulos especiais para que se transformem para melhor.

Passo a passo, vai produzindo interação entre aquele que ama e todos quantos são amados.

Vínculos especiais de confiança e consideração se estabelecem, evitando-se os atritos de opinião, as agressões no comportamento, as tricas e maledicências habituais, porque todos sabem que os melhores recursos para uma convivência feliz são o diálogo e o respeito que se devem dedicar ao próximo, a fim de que os receba como natural efeito da conduta vivenciada.

Não há por que concluir-se equivocadamente, diante de situações complexas e comprometedoras, quando se pode perguntar, procurando respostas esclarecedoras e oportunidades de retificação do que não se encontre conforme deveria.

Conclui-se que, em favor de uma interação verdadeira, torna-se imperioso aprender a ouvir o outro, a auscultar-lhe os sentimentos, de forma que seja factível a convivência agradável, ou pelo menos respeitosa.

Compreende-se que os desafios que se experimentam não são diferentes daqueles que afetam a outra pessoa, talvez em situação mais melindrosa ou grave.

Somente através de uma introspecção para a autoanálise, poder-se-á descobrir quais os maiores desafios para a convivência correta com o próximo, assim entendendo que ele também enfrenta situação interior equivalente, que lhe impede o avanço fraternal e afetuoso, sobrecarregado de suspeitas, de resíduos emocionais perturbadores e de intuições espirituais negativas.

A visão do ser humano correta é aquela que o abrange também como Espírito que é, em luta contínua contra as marcas que procedem do seu passado, os hábitos doentios que permanecem na sua economia comportamental. Por consequência, as influências psíquicas de que se vê objeto, sejam aquelas que se estabelecem mente-a-mente encarnada ou que provêm de inimigos e antipatizantes que deixou na retaguarda da evolução, hoje interessados na sua desdita, em razão do atraso em que se demoram.

A interação, no caso, dar-se-á de maneira especial, através da compaixão, da bondade, da paciência.

Ninguém ascende ao topo da montanha sem antes superar-lhe o sopé.

Na baixada ou no vale em que o indivíduo se situa, a visão do seu todo é impossível, porém, à medida que vão sendo vencidos os primeiros lances, mais coragem e estímulo para o avanço se tornam presentes ante a perspectiva de vislumbrar toda a paisagem.

Ao alcançar-se o acume, o oxigênio é mais puro e o deslumbramento toma conta do vencedor, por conseguir um infinito à sua frente, convidando-o à reflexão, à análise do próprio limite e pequenez.

Assim também é o amor. Nas primeiras experiências, surgem os sentimentos controvertidos, os interesses mesquinhos e habituais, as paixões em predomínio, que se imiscuem dificultando a sua instalação plenificadora.

Frágil, espera a força da retribuição para prosseguir; incipiente, necessita de estímulos para avançar; sem profundidade, pensa em benefícios que ainda não oferece; receoso, aguarda confirmações que não chegam...

Insistindo, porém, modifica a estrutura e passa a expandir-se com naturalidade, porque se vai empolgando com o próprio ato de ser quem ama.

Na primeira fase, porque se encontra com frustrações e irritações, procurando o amor como solução ou fuga para o não enfrentamento da realidade difícil em que se debate, claro está que não será dessa forma que o encontrará.



Se, no entanto, reflexiona que esse estado de ansiedade deverá ser resolvido antes, a fim de dar guarida ao sentimento afetivo, modifica-se a situação e surgem as manifestações reais do sentimento a que aspira por interação com o mundo e as suas criaturas.

Uma suave calma se lhe apossa e dúlcida alegria de viver desenha-se-lhe no íntimo, não mais se afligindo com as mesquinhas do cotidiano, nem se permitindo golpear portas e paredes, mesas e móveis outros quando as ocorrências não se lhe apresentam ou resultam agradáveis.

A compreensão dos acontecimentos faz-se diferente e a descoberta de que os problemas devem ser enfrentados conforme surgem e da maneira mais pacificadora, proporciona bem-estar.

Não mais a irritação e o descontrole tomam conta das suas atitudes, por desnecessários, havendo outras manifestações de conduta mais compatíveis com a necessidade de solução dos problemas e dos desafios.

Esse é o primeiro milagre produzido pelo amor: a mudança em torno dos fenômenos humanos e do mundo com real perspectiva em torno do futuro que a todos aguarda.

Logo após, dilata-se a compreensão em torno do estágio que se vive na Terra, facultando maior entendimento em torno das lutas da evolução e dos conflitos gerais.

Descobre-se qual a mais valiosa contribuição que se pode dar em favor da modificação para melhor do que está ocorrendo na atualidade de qualquer tempo.

Conscientizando-se do valor oportuno e grandioso que pode oferecer, mesmo que se apresente de pequena monta, é exatamente esse que irá contribuir em favor da modificação das estruturas gerais da sociedade combalida e aflita.

Naturalmente surge uma interação entre o indivíduo e a comunidade.

Ele se torna elemento de vital importância em favor do bem geral.

O Evangelho de Jesus propõe a todos os indivíduos que é necessário buscar para alcançar, o que equivale dizer que se torna indispensável o esforço que todos devem empreender em favor da procura do bem, da sua instalação no íntimo e da sua interação com a Humanidade.

Nada melhor nem mais poderoso do que o amor para esse desiderato.

Essa busca deverá ser consciente e constante, a fim de poder-se alcançar a meta que se tem em mente e se torna essencial para a existência feliz.

Amor e vida

Quanto mais amor se dá, mais amor se possui para doar.

O amor é o sentimento fundamental para o estabelecimento da felicidade humana, sem o qual a vida perde o total sentido e significado de que se reveste.

Um indivíduo rico de amor transforma-se em precioso celeiro, onde todos se podem repletar de alimento vivo.

Iniciando o seu périplo no imo de alguém que se engrandece com a sua presença, expande-se amplamente, alcançando a tudo e a todos que se lhe encontrem no raio de abrangência e conquista.

Desejando-se um mundo sem angústias nem problemas sociais, livre das misérias econômicas e guerreiras, apele-se para o amor, que possui os recursos hábeis para a conciliação, o perdão, a transformação moral dos indivíduos, fomentando o progresso e dirigindo-o no rumo da harmonia geral.

Por isso, o amor é vida que gera e impulsiona outras vidas, a fim de que alcancem as metas que lhes estão destinadas e podem ser conseguidas se houver empenho e dedicação sob a sua invulgar inspiração.

Quanto mais amor se dá, mais amor se possui para doar, porque é de natureza inesgotável.

Pensa-se que o amor restringe-se ao reduzido grupo da família, dos amigos selecionados, dos participantes das atividades afins. Certamente, esse movimento tem a presença do amor que se está instalando no âmagô do ser, mas que deverá percorrer um largo caminho de experiências e amadurecimento.

Outras vezes, acredita-se que o amor se manifesta através dos gestos grandiloquentes, das ações exponenciais, das renúncias gloriosas, dos sacrifícios e martírios que comovem o mundo e o deslumbram, demonstrando a grandeza da alma humana...

Realmente, esses são momentos culminantes do amor, que se inicia e se engrandece a partir de insignificantes oferendas, desde um sorriso gentil a uma palavra calorosa e esclarecedora, de uma dádiva espontânea a um ato de compreensão diante de uma circunstância perturbadora...

Da mesma forma, o não julgamento apressado a respeito de uma ocorrência infeliz, o auxílio de temporização ante litigantes, o silêncio oportuno que evita a dissensão, constituem manifestações do amor na vida, contribuindo em favor da plenitude de todas as vidas existentes e por existirem.

A renúncia a pequenas satisfações pessoais, que se transformam em benefício para outras pessoas, um pensamento ungido de compaixão, são portadores da presença do amor em movimento.

Desejando-se amor, é imprescindível amar, não com o caráter retributivo, mas com objetivo enriquecedor e feliz.

À medida que se instala no coração, modifica para melhor o comportamento da pessoa, enseja clareza emocional na sombra dos conflitos, dá cor e encanto à paisagem dos sentimentos, mesmo quando ainda dominados pelas torpezas e pela treva da ignorância, auxiliando na inevitável transformação para ter condições de receber as sementes da verdade e do conhecimento.

O amor é inexcedível!

Não se preocupa na forma como será recebido, mas na maneira como se expressa, irradiando-se sobranceiro.

Santo Agostinho, fascinado com os milagres que o amor opera, declarou enfático: “Eu sou apaixonado pelo amor.”

Essa paixão que tinha pelo amor fez que o dilatasse em favor da Humanidade, tornando-o iluminado, em razão do autoconhecimento a que se entregou, ampliando-o pela esteira dos séculos em benefício de todas as criaturas.

São Francisco de Assis, de tal maneira se embriagou com o elixir do amor e o viveu tão intensamente que a sua mensagem afetuosa e simples mudou os rumos da História, tornando-se, em consequência, o pai da Ecologia, o pioneiro do Renascimento, o perfeito imitador de Jesus, a Quem seguiu com entrega total e paixão imorredoura.

Homens e mulheres que se propuseram a amar, tornaram-se modelos de vida e de plenitude, totalmente integrados no espírito de doação, que é a característica fundamental e inapelável do amor.

O mundo atual estertora, porque há carência de amor em toda parte. Fala-se muito no amor, comenta-se sobre a sua finalidade, estabelecem-se regras e critérios, no entanto, não se o introjeta no coração, a fim de que se externe em palavras e ações, alterando a marcha dos acontecimentos.

Por isso, o ser humano enferma, porque se nega à vacinação preventiva do amor, ou quando se encontra afetado por alguma doença, recusa-se à amoterapia, que o libertaria da injunção afligente.

Encontram-se equivocados a seu respeito todos aqueles que aspiram a recebê-lo sem a consciência de o oferecer, aspirando a receber sem dar, a fruir sem sensibilidade para deixar-se impregnar pelos seus fluidos transcendentes.

O amor nunca se sacrifica, conforme se pensa equivocadamente, porque tudo quanto realiza, mesmo a peso de muito testemunho e doação, é espontâneo, não lhe constituindo martírio, antes representando um imenso prazer a bênção que persegue e se transforma em alegria de oferecer sem qualquer restrição.

Pais, irmãos, afetos diversos asseveram que, se necessário, são capazes de oferecer a vida pela de outrem, desde que seja alguém desses a quem se afeiçoam com ternura e devotamento no lar. É, sem dúvida, um gesto heroico e grandioso, entretanto, na desnecessidade de assim proceder, estão convidados a compreender e tolerar, a perseverar ao seu lado nas horas difíceis, a assistir com delicadeza e discrição, passando despercebidos e sem a presença dos holofotes da exibição ou os louros da retribuição.

O amor, portanto, é um gigante que se faz pigmeu quando necessário, e é quase um nada que se avoluma conforme o momento e as circunstâncias que lhe imponham essa modificação de estrutura.

Quando alguém oferece amor a outrem, ele se vai agigantando e abraçando outros que encontra pela frente, porque faz que se desenvolva o seu germe que permanece aguardando os estímulos para desenvolver-se, terminando por abarcar todo o mundo.

A religião mais eficiente é aquela, portanto, que se fundamenta no amor real, essência da vida legítima.

Presente em toda a Natureza, porque procedente de Deus, da criatura humana se irradia abrangendo tudo e voltando na direção a Deus.

Cultiva o amor no pensamento, externa-o nas palavras e vive-o nas ações, sem preocupação de haveres ou não alcançado o seu sublime clímax.

Começa-o agora e segue-lhe a trilha infinita, cada vez amando mais.

Habituar-te-ás ao amor de tal forma, que nunca mais poderás viver sem ele no coração.

Amor e família

O amor na família constrói a sociedade do mundo.

O amor é a mais sublime manifestação do pensamento de Deus, portanto de origem divina, que deve ser preservado com alegria e distribuído com exuberância, graças à sua potencialidade ilimitada.

Procedente do Genitor por Excelência, torna-se uma forma de ação emocional que se transforma em energia a ser concedida a todos quantos se encontram próximos da sua fonte de exteriorização.

Não é apenas um sentimento que sofre as injunções da emotividade, alterando-se conforme as ocorrências do dar e receber, do doar e não ser aceito, do oferecer sem retribuição.

Deve transformar-se em uma atividade viva e pulsante, capaz de expressar-se conforme a situação em que se apresente: paternal, fraternal, conjugal, social, geral, abrangente e infinito.

Para que atinja esses diferentes níveis, torna-se essencial que se dirija a Deus, de tal forma que inunde a alma de alegria, a fim de poder manifestar-se nas diversas modalidades a que se destina.

Com o amor a Deus vicejando nas emoções e traduzindo-se em ações do bem, a família passa a constituir o núcleo de maior necessidade da sua vigência, tomando as formas de conjugal, filial, paternal, maternal... Os pais, em consequência, são convidados a vivenciá-lo em todos os instantes, não somente em relação aos filhos, a fim de que se conscientizem da profundidade de que se reveste, mas também para que possam fruir os benefícios que proporciona, como segurança, equilíbrio, confiança e entrega.

No mesmo sentido, esse amor não deve privilegiar os filhos gentis e generosos, em detrimento daqueles que são difíceis e atormentados, ou que apresentam quaisquer distúrbios de comportamento, assim podendo desmerecer a afetividade.

Se o genitor, contrariado com a atitude rebelde do filho, desconsidera-o, poderá criar insegurança nos outros, que passarão a pensar que somente serão amados enquanto agradarem, submeterem-se às determinações domésticas e cooperarem em favor da harmonia no lar.

Os comentários ácidos a respeito desses descendentes geradores de atritos não podem ser abordados com aspereza, não só porque mais aumenta a

distância deles em relação aos pais, como também abre brechas de ressentimentos desnecessários.

Por outro lado, essa atitude demonstra que esse tipo de amor é retributivo, homenageando quem o devolve, censurando quem o não aceita e condenando quem o rechaça...

Afinal, é esse filho ingrato e incapaz de entender o alto significado da família, da doação dos pais, que nunca devem alegar o que fazem ou trazer à consideração os esforços e empenhos que lhe têm sido direcionados, evitando a impressão de que está havendo uma cobrança, tornando-se uma dívida a ser resgatada na primeira oportunidade...

O próprio amor gera um sentimento de compreensão naquele que se vê enriquecido pela sua presença, explícita ou não, invisível mas percebida, sem qualquer imposição verbal ou exigência comportamental.

Naturalmente, quem doa amor, inconscientemente que seja, aspira à sua vigência no mundo, especialmente na família.

Desabitado a esse sublime investimento, o ser humano, que procede dos instintos primários e automatistas, somente a pouco e pouco se impregna do seu valor especial, passando a compreender a profundidade do ato de amar.

No começo, é algo egoísta, permanecendo na consanguinidade, ampliando-se em outros relacionamentos afetivos até alcançar o patamar da comunidade, que nem sequer tem conhecimento do seu benefício.

Como treinamento para melhor fixação no imo da alma, a convivência, o diálogo positivo, a participação nas atividades dos filhos, o interesse pelos seus estudos, sem exigências de bons resultados, pelos seus ideais humanitários, desportivos ou de outra natureza, transformando-se em vínculo de segurança e de estreitamento das relações saudáveis e enriquecedoras do clã.

Vivenciada essa experiência, alastra-se para o meio social, irrigando de coragem e bem-estar todos quantos participam da convivência desse indivíduo afável, os quais passam também a assumir comportamento equivalente e produtivo.

Tal atitude não significa anuir com os desmandos e desequilíbrios que, não poucas vezes, irrompem nas famílias, gerando tumulto e crises existenciais.

Uma atitude enérgica, educativa, não implica uma postura agressiva, mesclada de violência.

O amor estabelece parâmetros de respeito e de consideração que devem ser vivenciados, facultando, ao mesmo tempo, ordem e disciplina no aconchego da família.

Quando esse amor é vitalizado pelos exemplos de paciência e de amizade, impede a virulência da rebeldia e da tensão doméstica.

Por sua vez, os filhos são convidados ao amor fraternal, convivendo uns com os outros em clima de concórdia e de afeto, ajudando-se reciprocamente e amparando-se quando necessário, sem acusações nem desculpas quando as ocorrências não sejam corretas.

O amor na família constrói a sociedade do mundo.

Provavelmente alguns membros do grupo familiar não consigam alcançar a estrutura afetiva necessária, permanecendo em infância psicológica, geradora de insegurança e de mal-estar, descambando para os vícios e as dissensões. Tal ocorrência, porém, resulta da situação do Espírito ali reencarnado, em si mesmo necessitado de mais amparo, em face dos seus compromissos perturbadores com a retaguarda evolutiva de onde procede sob injunções penosas.

Muitas famílias são redutos de batalha, onde se reencontram adversários de renhidas lutas fratricidas do ontem, em tentativa de recomposição e restabelecimento de vínculos afetivos. Em razão disso, maior deverá ser o investimento do amor que não ceda às provocações nem aos desatinos dos seus membros.

Por outro lado, a verdadeira união dos cônjuges, que saberão renunciar aos caprichos egoístas, a fim de não perturbarem a prole, representará o maior investimento para o sucesso familiar.

Costuma-se dizer, na atualidade, em uniões que foram duradouras, que o amor não existe mais e por isso a separação apresenta-se como inevitável.

Será o caso, então, de recomeçar-se o amor, desconsiderando os sentimentos feridos e magoados, descobrindo novas fontes de inspiração, particularmente havendo uma prole para cuidar.

...E quando ocorrer que a situação se apresente quase insustentável, há um recurso de que o amor nunca pode prescindir, que é a oração, igualmente possuidora de energia divina, porque reaproxima a criatura do Criador e permite que o Criador se comunique com o orante.

Quem ama, ora, e quem perdeu o contato com o amor, mais necessidade tem da oração, a fim de reatar os laços consigo mesmo, com o seu próximo e com Deus.

Amor e progresso

Mediante o amor, todos despertarão para as responsabilidades que lhes dizem respeito.

O amor é o mais prodigioso fomentador do progresso moral, do qual decorrem todas as demais formas de desenvolvimento.

Quando não viceja no ser humano, as conquistas realizadas, por mais brilhantes, tendem à destruição ou são filhas especiais do egoísmo, que as realiza para atender fins nem sempre respeitáveis.

A atualidade tem-se feito caracterizar por muitas formas de progresso, que têm impulsionado a cultura e a civilização a níveis elevados, não obstante a vigência dos crimes hediondos, da fome estarrecedora, das enfermidades infectocontagiosas, das guerras contínuas, dos abusos do poder, dos preconceitos ainda não erradicados, da intolerância de vários matizes, dos descalabros morais por meio dos vícios destruidores como o alcoolismo, o tabagismo, as drogas químicas...

A Ciência e a Tecnologia têm impulsionado o indivíduo a relevantes realizações, porém esquecidas do amor, e dessa forma as máquinas que ele criou substituem-no, desumanizam-no enquanto o superpovoamento das grandes cidades alucina-o, tornando-o mais agressivo e estressado.

Não obstante as propostas sociológicas que se multiplicam, esse cidadão perde a identidade e confunde-se na massa que detesta, tornando-se violento e sentindo a sua existência quase sem objetivo.

Os veículos de comunicação, com o seu imenso poder de conduzir notícias, invadem os lares em toda parte, especialmente a televisão, e os abarrotam com informações ligeiras, raramente esclarecedoras e profundas quando da abordagem dos temas de alta significação, libertadores de consciência e tranquilizadores da emoção, apresentando, ao invés, muitos fatos escabrosos que ele desconhece e, não poucas vezes, estimulam-no a lutas ferozes, nas quais os demais são-lhe inimigos em potencial.

Infelizmente, esses veículos dão preferência às licenças morais devastadoras, criando uma cultura pessimista e reacionária, na qual o ódio, a frustração, o desespero assumem papel de importância na conduta interior e na maneira de viver na sociedade.

A família, embora o patrimônio multimilenário de que se constitui, sofre os camartelos da agitação e do desconcerto de que se tornou vítima, trans-tornando-se e esfacelando-se, tornando-se campo de rudes batalhas malsu-cedidas.

... E o ser humano superconfortado transita sob injunções tormentosas, derrapando em transtornos neuróticos, psicóticos, mergulhando no fosso da desolação.

Sucedede que o progresso, sem amor, está sem Deus, portanto, sem o alicerce seguro do equilíbrio e da libertação das vidas dos seus atavismos primitivos, que as escravizam no primarismo de onde procedem.

Torna-se urgente uma revisão de conceitos em torno do progresso e das suas propostas, a fim de que seja realizada uma ação renovadora e saudável, propiciando relacionamentos felizes entre as criaturas.

Esse ministério somente pode ser desempenhado pelo amor.

É inevitável que a máquina robotize muitas atividades, solucionando com razoável perfeição os misteres que lhe estão programados. Entretanto, cumpre ao ser humano encontrar soluções outras e mecanismos sábios para atender aos desempregados, àqueles que foram substituídos nas empresas e fábricas, nos laboratórios e no campo...

Tal compromisso diz respeito ao amor e à compaixão.

O amor fomenta o progresso, nunca eliminando a criatura humana, sua meta e seu destino.

De que adianta um mundo tecnologicamente bem equipado, com criaturas fantasmas de si mesmas, sem objetivos de alta significação, transitando entre aspirações imediatas e prazeres fugidios?

O ser humano é o grande investimento da Divindade, que aplicou centenas de milhões de anos na sua construção, conduzindo-o, passo a passo, na longa travessia das experiências de crescimento.

Mediante o amor, de que se constitui, e na maioria ainda se encontra em latência, conseguirá romper os envoltórios resistentes, para sair à luz e desenvolver as aptidões, aumentando o campo de realizações que lhe dizem respeito.

Por meio da lucidez do amor, a Tecnologia trabalhará em favor da paz, jamais promovendo guerras de extermínio, a soldo das ambições desmedidas de indivíduos e de governos alucinados, egotistas e mercenários.

Os poderosos auxiliarão os fracos, emulando-os à conquista de recursos dignos, mediante os quais adquirirão valores para a existência saudável.

O comércio terá características humanitárias e não apenas de exploração do homem pelo homem, gerando a escravidão monetária, qual vem ocorrendo lastimosamente.

As indústrias respeitarão os direitos do cidadão, mediante horários de trabalho justo e espaços para repouso, esparecimento e estudo, mas também preservarão a Natureza.

O ser humano não foi criado para ter as suas forças exauridas, como se fora uma alimária infeliz, no justo momento em que os amigos dos animais levantam-se para profligar contra o abuso e a impiedade com que muitos os tratam.

A agricultura receberá maior respeito, tornando-se milagroso instrumento de provisão para as multidões, que não mais experimentarão fome ou escassez de alimentos.

O tráfico, em todas as formas como se apresente, será diluído na solidariedade que há de viger entre os seres pensantes da Terra.

Porque, mediante o amor, todos despertarão para as responsabilidades que lhes dizem respeito, e não apenas para os interesses mesquinhos que os submetem às tormentosas lutas de predomínio e de loucura.

Como é possível uma sociedade, na qual alguns poucos detêm o poder financeiro, que todo o restante da população do mundo, somada, não consegue sequer aproximar-se, menos ultrapassar?! Como estabelecer-se uma cultura, em nome do progresso, na qual a miséria total espia com ira a abundância e o desperdício acintoso dos poderosos?!

Como aguardar-se a paz social, estabelecida por tratados internacionais de conveniência, firmados pelas Nações mais desenvolvidas e ricas da Terra, olvidando-se dos estertores agônicos daquelas outras que lhes sofrem as injunções penosas, na condição de escravas, sem direito à palavra, à liberdade, à esperança, encontrando-se na linha abaixo da miséria estabelecida?!...

Tudo isso ocorre somente porque o amor não foi consultado, quando se cuidou de desenvolver o progresso do mundo, longe dos sentimentos da compaixão e da solidariedade para com o próximo, que não é apenas aquele que está mais perto, senão todos os seres existentes.

O amor verdadeiro, portanto, é aquele que se estabelece em todos os segmentos sociais, culturais, científicos, religiosos, artísticos, priorizando sempre a criatura humana, seu objetivo, sua razão de existir...

Com o seu hálito vivificador, comanda as consciências e os sentimentos, nunca permitindo que alguém deseje, ou faça com outrem, aquilo que não gostaria que lhe fosse feito.

Quando essa compreensão abarcar os homens e as mulheres, conduzindo-os pela trilha da evolução, o progresso será real, profundo e plenificador.

Começa, então, desde agora, com esse compromisso de amar, não pensando em resultados, exceto os do próprio amor.

O futuro encarregar-se-á de levá-lo até onde não consigas chegar, e isso, sim, é o que se faz importante.

Amor e compreensão

A compreensão que o amor propicia conduz à solidariedade nos momentos difíceis.

O amor que não compreende expressa interesse pessoal, que se projeta noutrem, não sendo o que pretende.

Quando se ama realmente, a compreensão das dificuldades e falhas do outro apresenta-se como natural, destituída de ambição retributiva. Essa compreensão é rica de doação de afeto espontâneo, que descobre o outro conforme é, não lhe exigindo modificações que ainda não pode operar, nem encontrar-se em níveis de elevação espiritual que faltam ser conseguidos. Como consequência, ninguém pode obrigar que outrem o ame, não obstante seja o seu um grande amor e, por isso, despido da paixão que objetiva alterar o comportamento do ser amado.

Desse modo, em qualquer faixa de amor, a compreensão deve assinalar todos os passos de conquista, em constante ascendência.

O amor ilumina e harmoniza.

É a alma da felicidade que preenche todos os espaços e aspirações do ser humano.

As pessoas esvaziadas e perturbadas pelas posses externas acreditam que a felicidade reside na sucessão das glórias que o poder faculta e nos recursos que amealha.

Ledo equívoco, porque o tormento da posse aflige e impulsiona a sua vítima a logros cada vez mais desmedidos, reduzindo-lhe a existência a uma busca sem fim.

Narra-se que o sábio Sólon, grande magistrado de Atenas, visitando o rei Creso, da Lídia, considerado o homem mais rico do seu tempo, foi convidado a conhecer-lhe o suntuoso palácio, contemplar suas joias e outros tesouros, seus magníficos jardins e participar de um banquete especialmente preparado para o homenagear.

Terminado o repasto incomum, Creso, autodeslumbrado pelo narcisismo que o caracterizava, perguntou ao nobre visitante:

— Qual o homem mais feliz do mundo?

Aguardava ser apontado e prelibava a satisfação, quando ouviu, algo decepcionado, a resposta do erudito visitante:

— Recordo-me de um homem pobre que morava em Atenas, chamado Telus que, na minha opinião, era o homem mais feliz do mundo.

— E por quê? – indagou, frustrado, Creso.

— Bem, porque era honesto, havendo trabalhado por toda a vida, a fim de criar os filhos com dignidade, oferecendo-lhes correta educação. E quando se encontrava mais velho, ao invés de receber a retribuição dos filhos, ofereceu-se ao exército, doando a vida em defesa da sua cidade.

— Haveria outrem –olveu, Creso, à interrogação – que o pudesse seguir como a segunda pessoa mais feliz do mundo?

Houve um silêncio constrangedor em face da expectativa que o rei exteriorizava, de ser apontado pelo sábio, o que não ocorreu.

Logo após, Sólon redarguiu:

— Conheci dois jovens em Atenas que, ficando órfãos na infância, trabalharam com persistência, honorabilidade, e mantiveram o lar pobre com dignidade, incluindo a genitora que era muito doente. Quando ela morreu ofereceram sua vida a Atenas, a fim de a servirem com dedicação e desapego até a própria morte.

Novo desencanto do ambicioso, que indagou, irritado:

— Como é possível ser superado por essa gente pobre, eu que tenho tanto poder e riqueza?

Sem qualquer ressentimento, Sólon encerrou a entrevista, afirmando:

— Ninguém há que possa dizer que sois feliz ou desditoso antes da vossa morte, porquanto ninguém pode imaginar os infortúnios de que se pode ser vítima, de um para outro momento, ou a tristeza que sempre espia os venturosos e os vence.

Anos mais tarde, Creso foi vencido por Ciro, rei dos persas, e por pouco não morreu, tornando-se-lhe vassalo submisso.

A felicidade independe do que se tem momentaneamente, mas sim daquilo que se é, estruturalmente constituído pelo amor.

Essa compreensão que o amor propicia conduz à solidariedade nos momentos difíceis, nas grandes dores, na solidão e na amargura que periodicamente afligem todas as criaturas.

Em ocasiões de sofrimento superlativo, o amor apresenta-se solidário, em várias expressões de compreensão do que ocorre, auxiliando sem exigência, participando da aflição, erguendo o ânimo e sustentando antes que a adversidade alucine a sua vítima.

Sem a necessidade dos gestos grandiosos, manifesta-se nos pequenos acontecimentos e situações que alimentam aquele que se encontra combalido e o erguem de volta ao lugar onde deve encontrar-se, de forma a poder prosseguir e superar o incidente infeliz.

Nas tragédias, aparece gentil, impossibilitando que o outro sucumba ante o peso da amargura e do dissabor excessivo.

Além da compreensão solidária, emerge em todos os momentos como forma de gratidão pela vida e suas manifestações, nas expressivas como nas singelas formas em que se apresenta.

Enquanto a pessoa não experimenta o suave envolvimento do amor, movimenta-se nas heranças dos desejos, nos cipoais dos instintos, sofrendo sempre quando os seus interesses não se encontram atendidos e suas aspirações não são respeitadas.

Lentamente, porém, à medida que as dúlcidas vibrações do amor a toam, desembaraça-se das penosas injunções do primarismo e liberta-se da escravidão da posse, da fantasia em torno da felicidade pelo que tem.

Um amadurecimento interior se lhe opera lento e prodigioso, facultando-lhe alegria e desprendimento, consciência de dever e respeito por todos e por tudo.

Reconhece que, localizada no contexto universal, a sua tarefa essencial é a de autoiluminação, que logo se desdobra em serviço a favor do progresso, mediante a consideração pela ordem, não a violando, nem a submetendo aos caprichos e desaires que lhe predominam no mundo íntimo.

Alimentada pela seiva nutriente do amor, desenvolvem-se os demais sentimentos da compaixão e da ternura, da caridade e do perdão, que são as partituras que mantêm as melodias da vida feliz.

Envolvida nessa vibração de fraternal compreensão dos acontecimentos, das outras pessoas e suas dificuldades, dos fenômenos que se manifestam na existência, o amor desenvolve-lhe os valores mais elevados e a induz à gloriosa tarefa de servir e passar despercebida, deixando, porém, suas luminosas pegadas pelo caminho transitado...

A vida é um perene convite ao amor e à compreensão dos limites que exornam cada pessoa no seu processo de crescimento para Deus.

Quanto mais se lhe alargam os horizontes do desenvolvimento emocional e moral, mais o amor se lhe apossa do ser, alcançando as demais criaturas e inundando de bênçãos tudo a sua volta.

Ama, pois, sem qualquer tipo de limite ou de interesse passional.

~ 51 ~
Garimpo de Amor

O amor é luz, não a detenhas, evitando que predomine a escuridão...

Amor e mudanças

O amor muda quem ama e altera para melhor o mundo em que vive.

Todos os atos humanos modificam a estrutura moral e espiritual do mundo. Quando sem amor, estabelecem conflitos e dão surgimento à agressividade e à violência; quando amorosos, criam climas de fraternidade e de entendimento recíproco, abrindo espaços para o desenvolvimento e progresso da sociedade.

O amor possui a força ciclópica de alterar todas as coisas, quer sejam percebidas ou ignoradas. O importante não é a visão dos acontecimentos, mas o significado que deles deflui. Por isso, o amor não pode ser dimensionado conforme os interesses de cada indivíduo, isto é, “eu amo porque me é conveniente, disso resultando-me um grande bem”, mas amar naturalmente, porque essa é a finalidade da vida.

Não apenas direcionar para os outros a seta do amor, porém vivê-lo, tê-lo introjetado no sentimento, de forma que se transforme em uma realização pessoal, constante e felicitadora.

Os grandes vultos da Humanidade, que se resolveram pelo amor, não se davam conta do quanto ofereciam em esforço e sentimento de abnegação em favor dos outros. Era-lhes tão natural a doação, que nem sequer sentiam desgaste ou aflição, quando incompreendidos ou não aceitos nos propósitos acalentados. Nunca desistiam, porque sabiam que o amor para alcançar o seu objetivo tem que romper as barreiras que tentam impedir-lhe o avanço. Sejam preconceitos sociais, religiosos, morais, raciais, que se vêm transferindo de uma para outra geração, e mesmo hoje, quando se supõe já não serem tão poderosos, ei-los embutidos no inconsciente de muitas realizações.

Uma das mudanças mais severas que o amor consegue operar, é quando descobre pessoas de quem não gosta, que lhe são inamistosas, mesmo adversárias, e devem ser conquistadas.

Não importa que mudem de atitude em relação àquele que as amará, mas que não lhe permaneçam antipáticas, nem provocadoras de mal-estar.

Como o objetivo essencial do amor é dar sem receber, mudar de comportamento em relação aos maus, não os tornando piores, aos perturbadores, não os fazendo mais alucinados, constitui um grande desafio que o esforço sincero logra resolver.

Invariavelmente há um desejo de tornar-se pessoa amorosa em relação às demais, às vezes conduzindo fel e amargura no coração, ansiedade na conduta, interrogações e conflitos na mente. Esse ainda é um estado de amor ausente, amor em desalinho, que deve ser corrigido, para que essa presença afável produza modificações internas, acalmando os torvelinhos Íntimos e apaziguando as aflições.

Trata-se da experiência do autoamor, fundamental para o amor ao próximo. Ninguém há que, em aflição, tenha tempo mental e emocional para amar quem se encontra distante e sem apresentar aparentemente necessidade de ser amado.

O amor é um estado natural na conduta, porque se irradia generoso, abarcando e preenchendo todo o espaço que defronta.

Muitas pessoas, que amam de maneira espontânea, não se dão conta do poder de que dispõem e de como conseguem mudar as pessoas que se lhes acercam, alterar os acontecimentos à sua volta, favorecer o mundo com os seus pensamentos e conduta.

Por mais humilde que seja a função exercida, aquele que ama sorri e contagia os outros que perderam o endereço de si mesmos, despertando-os para outras responsabilidades.

Um suave amigo da fraternidade encontrava-se aguardando o veículo que o levaria de volta ao lar, após dia fatigante de trabalho e de lutas. Apesar do cansaço que o tomava, do calor que dominava o entardecer, do tumulto à sua volta, ele mantinha-se sorrindo discretamente, sem permitir-se envolver pelo desequilíbrio que se agitava, generalizado, a gritaria, o ruído dos veículos e suas buzinas.

Aturdido cavalheiro acercou-se-lhe, e o interrogou com violência na voz:

— Você está sorrindo de mim ou para mim?

— Nem uma coisa, cavalheiro, nem outra. Eu estou sorrindo comigo mesmo — respondeu sem alterar-se. — Como não tenho razão para estar contrariado, alegro-me por estar vivo e em paz.

— Mesmo que neste inferno? — indagou o maldisposto senhor.

— Não o considero um inferno. Recordo-me dos que estão entediados na inutilidade, limitados nos movimentos em hospitais onde carpem dolorosas aflições, os que se encontram vencidos pelo arrependimento, os tristes e infelizes... Como não estou com qualquer desses problemas, sorrio em agradecimento a Deus, homenageando todas as pessoas que se movimentam na busca de um lugar de triunfo na vida.

E continuou sorrindo. A sua expressão, leve e fraternal, desarmou o violento que, logo depois, passou a narrar-lhe as dificuldades que o atormentavam, as aflições que o maceravam, estabelecendo-se proveitoso diálogo, que terminou com uma nova e diferente interrogação do cavaleiro:

— Como poderei fazer para alterar esta paisagem de agonia em que me encontro?

— Amando a aflição — respondeu, sorrindo. — Quando se ama a objeção ela diminui de intensidade, quando se ama a vida ela se apresenta menos severa, mesmo porque, rebelando-se e odiando, somente se complica tudo, sem realizar outra senão a colheita de desespero que lhe segue empós.

O amor muda quem ama e altera para melhor o mundo em que vive.

Tão enriquecedores se tornam os momentos em que o ser se lhe entrega, que a sua existência se transforma em um permanente estado de amor.

É certo que não concordará com tudo quanto ocorra, nem com aqueles que se caracterizam pelas arbitrariedades, ao crime, à insensatez. Não conivirá com o erro em qualquer forma como se manifeste. Somente que não aumentará o seu raio de ação, diminuindo os efeitos danosos da sua vigência, diluindo as cargas de ódio e de revolta que produzem.

Igualmente não se faz melífluo, ou adota postura exterior sem o real sentimento do que o anima interiormente.

Por isso, não se trata de uma conquista momentânea, porém de uma realização de longo prazo, que sempre está sendo aprimorada e exercitada sem desfalecimento ou celeridade, conquistando cada passo no devido momento.

O amor estabelece uma ponte entre o ego e o self, fazendo que o eu interior recupere os tesouros de que se constitui, muitas vezes malbaratados pela personalidade enfermiça ou indiferente aos valores do progresso.

O amor verdadeiro é uma forma de manter Cristo no pensamento, nas palavras e nos atos.

O amor transcende qualquer formulação verbal ou escrita, pessoal ou estabelecida, porquanto sempre se expressa conforme a ocasião e a circunstância.

Pode traduzir-se em um grande silêncio diante de uma ocorrência grave ou de uma canção de bondade em instante de pequena, mas profunda significação, num gesto de abnegação ou num olhar de enternecimento.

Tendo por missão mudar o mundo, o amor é a presença de Deus na psicofera do planeta terrestre.

Amor e plenificação

O trabalho do amor em benefício da plenificação humana é lento, mas inevitável.

Quando alguém ama, plenifica-se de amor, não porque o receba de volta, mas pelo simples ato de o doar.

O amor, que alguém exterioriza, igualmente envolve aquele que o gera no íntimo.

Mesmo que não aguarde o seu retorno, ele volve de mil maneiras. Talvez não seja encaminhado por aquele a quem se o oferece, mas por outros meios não convencionais, até mesmo em natural forma de alegria que a vida proporciona a quem se encontra amando.

O amor se torna mais significativo no momento em que a morte se acerca do leito de um moribundo. Não são poucos aqueles que, ainda lúcidos, lamentam não haver amado o suficiente, tudo quanto agora gostariam de haver feito, ou não o terem expressado de forma que tornassem as outras existências mais ricas e, por consequência, a sua menos penosa.

Essa fonte de juventude e de vigor é a mensageira da paz, inspiradora da harmonia, trabalhadora fiel da fraternidade. Graças aos seus nobres jorros de vitalidade, altera comportamentos, propicia esperanças, ilumina outros seres.

Ninguém, na Terra, vive em plenitude, de tal forma que não necessite de companhia, de amizade, de entendimento, de benevolência. Por atavismo infeliz, quase todos esperam receber antes de dar, acumular as demonstrações de afetividade alheia, a fim de se sentirem satisfeitos. Nisso reside um grande equívoco, porque, mesmo sob os camartelos dos sofrimentos e das dificuldades, pode-se amar, estabelecendo-se vínculos de emoção com desconhecidos, solidarizando-se com as dores alheias, compreendendo os sabores que assoberbam outros indivíduos.

Com essa compreensão das aflições de outrem, o sentimento de compaixão aumenta e a ternura se desenvolve, diminuindo as próprias amarguras e contribuindo em benefício de indivíduos mais necessitados e sem rumo.

Não havendo esse entendimento do que ocorre nos outros, na sua historiografia de vida, nas ocorrências que o tornaram com essa ou aquela característica de rudeza, de agressividade, de ignorância, faz-se muito difícil viver em sociedade e partilhar dos sentimentos humanos, que constituem um dos

objetivos essenciais da vida em grupo, de que ninguém se pode distanciar sob o perigo de alienar-se.

Mediante a óptica do sadio interesse pelo próximo, pelas ocorrências que lhe alteraram o comportamento, que lhe trabalharam a existência, moldando-o com essa maneira de ser, pode-se promover uma avaliação das próprias aflições e perceber que fazem parte do processo da evolução que a todos envolve, diminuindo, pela razão, os efeitos da sua presença.

De imediato, passa a participar da solidariedade em relação aos aflitos que existem no mundo, mesmo que apenas sentindo o desejo de ser-lhes útil e de ajudá-los, embora não dispondo de outros elementos mais significativos para fazê-lo.

O pensamento afetuoso age nas ondas que envolvem o planeta terrestre de maneira saudável, produzindo harmonia vibratória e contrabalançando as tempestades produzidas pelas energias desgobernadas do ódio, da vingança, da insensatez, do crime.

O amor, portanto, é psicoterapêutico também, irradiando sempre saúde e paz.

Não poucas vezes, arregimentam-se membros de movimentos pacifistas, que vão para as ruas brigar, entrar em choque, gritar pelos seus direitos, defender os fracos, utilizando-se dos recursos da força, da beligerância.

Nada mais paradoxal! Havendo conflito interno, que produz agressividade no indivíduo, ele não tem condições de propor equilíbrio aos outros, harmonia, respeito pelos direitos das minorias, dos fracos, dos excluídos... Somente quando se está enriquecido de amor, podendo compreender os opositores, aqueles que ainda se comprazem em combater com violência, em perseguir insanamente, em infelicitar, prejudicando a sociedade, com o que se prejudicam também sem dar-se conta, é que se torna válida a ação em favor da paz. Talvez não seja necessário ganhar as ruas do mundo, produzindo impacto, chamando a atenção, mas sim não revidando com os mesmos instrumentos de covardia e maldade as agressões que lhe são desfechadas, retribuindo sempre com o sorriso de compaixão e de compreensão, de paz e de perdão, que termina por modificar o comportamento do agressor. Noutras ocasiões, possivelmente um movimento externo, gerador de simpatia, comandado pela benevolência, possa caminhar pelas avenidas do mundo, convocando outros que, tímidos, postergam o seu momento de contribuir em favor de uma nova ordem de valores e de realizações humanas.

Existem pessoas, dotadas de excelentes sentimentos, que gostariam de contribuir em favor da paz, trabalhando pelo equilíbrio entre as diversas classes sociais, financeiras, morais, mas não se encorajam a fazê-lo, temendo ser levadas ao ridículo ou serem perseguidas pelos prepotentes e dominadores que a ninguém nem a nada respeitam.

Os exemplos nobres e de desprendimento de alguns podem estimulá-las a vir para o campo de ação, aumentando o número dos que laboram pelo bem e se interessam pela mudança do meio social, a fim de que o mundo se torne mais benévolo, o ar mais puro, as águas, florestas e animais sejam preservados no seu habitat, direito que lhes é outorgado pelo Supremo Criador.

O amor também expressa os objetivos essenciais da Criação, que é resultado de um ato dele derivado.

Quem perturba a ordem e se compraz no enriquecimento enquanto atenta contra a Natureza, não se ama, nem a ninguém ama.

Os onzenários, os déspotas, os devastadores da flora e destruidores da fauna perderam a direção da vida e emaranharam-se no aranzel da desmedida ambição, autodestruindo-se, sempre que investem contra as manifestações sencientes que existem.

O amor é solução. Todavia muitas criaturas dele se utilizam para esgrimir suas paixões, exibir seus conflitos, competir nas suas ambições.

Separaram-se parceiros por nonadas; amigos se afastam por mínimas incompreensões; companheiros se antagonizam por mal-entendimentos injustificáveis, todos vítimas de pertinaz orgulho e vil egoísmo que os impedem de compreender, de tolerar, de buscar esclarecimentos, de tentar fraternidade. Sempre que insatisfeitos, com ou sem razão plausível, investem contra, quando poderiam avançar na direção, sempre a favor.

O trabalho do amor em benefício da plenificação humana é lento, mas inevitável.

Jesus amou sem distinção e foi assassinado. No entanto, o Seu exemplo vem edificando vidas aos milhões, que tentam segui-lo, embora as limitações de que se encontram possuídas.

Gandhi, amando, igualmente ofereceu a vida, porque não poderia morrer senão pela agressividade dos violentos que, dessa forma, demonstrariam a sua própria fraqueza.

Assim, os heróis máximos do amor, como os santos, os mártires e muitos outros, são o espelho que aguarda novos investidores para refletirem nele a sua imagem.

Amor e cura

O amor é o grande medicamento das almas, que as cura com eficiência.

O amor não é uma atitude que se assume, a fim de demonstrar-lhe a presença. É um estado de espírito que se expande e domina, proporcionando paz e alegria de viver, resultado de uma perfeita consonância entre o sentimento e a razão. O sentimento dulcifica-se e a razão ilumina-se quando se ama, sem que haja paixão, dependência, submissão, receio de perda ou pouco exigência, retribuição, comparação do que se dá e de como é utilizado, do sacrifício que isso significa.

O amor nunca espera resposta, porque na forma como se expressa já é portador de mensagens que vão e voltam no seu próprio conteúdo.

Quase sempre o amor se circunscreve ao grupo biológico, aos afetos que facilitam o intercâmbio sexual, aos compromissos assumidos, hipertrofiando-se diante das circunstâncias, pelo receio de dar sem receber, de ser enganado, colocado à margem, tido como ingênuo...

Essas manifestações, embora significativas, não expressam em realidade a plenitude do amor, porquanto nessas formas apresentadas estão presentes deveres e contingências quase compulsórios, calculados, objetivando o futuro como uma atividade de previdência para o porvir, para as horas amargas da enfermidade, da solidão, da velhice, da morte...

Trata-se, isto sim, de experiências afetivas ainda muito limitadas, não obstante muito nobres, que se transformarão em exercício para novos tentames, expandindo-se na direção dos desconhecidos, dos que obstinadamente são contra, dos antipáticos, dos perversos e críticos contumazes.

Quando se alcança o nível de entendimento desses difíceis de ser amados, não significa estar-se do lado deles, mas de uma emoção que não está contra eles, porque os envolve em compaixão, descobrindo que se encontram enfermos, vítimas das dificuldades que trouxeram da infância desamada, da família desajustada, do meio social indiferente às suas necessidades, dos maus tratos de que foram vítimas.

Enlouqueceram, é certo, mas estão ainda em fase de possível recuperação.

O amor é o grande medicamento das almas, que as cura com eficiência. Não apenas auxilia a quem se dirige, mas principalmente àquele que o cultiva.

Quem recebe amor sente-se motivado a renovar-se, a crescer espiritualmente, a transformar-se para melhor. No entanto, somente encontra a cura para os males e revezes da jornada, quando passa a amar.

As ondas de amor, que são geradas pelo cérebro, invadem o sistema nervoso central, percorrem o endócrino e saturam de energias saudáveis o imunológico.

A sucessão de energias, que são exteriorizadas pelos neurônios, produz uma corrente de vigor e de bem-estar que revitaliza os órgãos enfermos, combate a vida microbiana destrutiva, restaura o equilíbrio vibratório que deve vigor entre as células como unidades de consciência, como partes integrantes da consciência global.

As ondas contínuas de vibração mental captadas por todo o organismo transformam-se em vitalidade que reorganiza o aparelho fisiológico, auxiliando-o nas diversas funções, ao tempo em que se esparzem pelo universo emocional e psíquico do ser humano propiciando-lhe saúde.

Em razão do amor, os fenômenos cármicos alteram-se, especialmente quando negativos, ensejando a diminuição dos processos de resgate doloroso, porque o amor é sublime mensagem de vida, que verte de Deus e se espalha por todo o Cosmo.

O amor é tão poderoso, que nem sequer a morte o interrompe; antes faz que todos aqueles que desencarnam, após o despertar feliz, dando-se conta do prosseguimento da vida, retornem ditosos para falar da sua ressurreição e alegria, ou para advertirem em razão dos sofrimentos com que se depararam como consequência da conduta insana, dos erros cometidos ou difíceis situações geradas, que aguardam reparação...

Somente o amor pode proporcionar esse maravilhoso fenômeno do intercâmbio entre aqueles que partiram e os demais que ficaram na retaguarda, na maioria das vezes ignorando as ocorrências que têm lugar após o túmulo.

Como esquecer Jesus retornando para consolar os companheiros assustados e tíbios, a mãezinha saudosa, confirmando as assertivas de que a vida é eterna?

O Apóstolo Paulo afirmava que, se não houvesse ocorrido a ressurreição do Mestre, toda a Sua mensagem careceria de autenticidade.

Após haver sofrido apodos, perseguições, traição, negativas, julgamentos arbitrários, dilacerações insuportáveis, carregado a própria cruz até a morte infamante, Ele retornou em júbilo, qual madrugada incomparável após noite

tormentosa, para demonstrar a excelência do Seu amor pelos que ficaram e por todas as criaturas do futuro.

Esplendente e triunfante, saudável e ditoso, volveu entoando o Seu hino de amor inconfundível.

Enquanto não se atinge esse amor incomparável, pode-se e deve-se amar dentro das próprias limitações, crescendo, à medida que as experiências da atitude assumida ampliem o círculo que envolverá os mais distantes, os mais difíceis, os enfermos da alma...

Amar as enfermidades é a maneira de penetrar-lhes o significado, de descobrir o que desejam dizer, qual a orientação de que dispõem, a advertência de que se revestem para que sejam evitados danos muito mais graves depois.

Assim fazendo, tornam-se menos doloridas e mais naturais, e porque envolvidas em ondas de ternura e de compaixão, não terão o caráter punitivo que se lhes atribuem, nem a função destrutiva que se lhes dão.

O amor comove-se ante tudo quanto acontece, sem que se torne piegas. Sucede que a sua dimensão de entendimento amplia-se, auxiliando-o a descobrir tudo aquilo que era destituído de sentido e agora adquire significado.

No leito de morte, o amor alegra o paciente que se encontra em desolação, oferecendo-lhe certeza de que não será esquecido, da gratidão que se sente em razão da convivência experienciada, como também da certeza que logo mais aquele que ficou seguirá no mesmo rumo, onde estará sendo aguardado para uma efusão de júbilos sem limites...

São muitos os milagres do amor, desde as quase despercebidas e renovadoras até as grandiosas realizações.

Quando alguém ama e pretende ampliar esse amor, esquece-se de si mesmo, altera o rumo dos seus objetivos existenciais, entrega-se sem reclamação e supera as dimensões relativas de tempo e de espaço, alongando-se até os mais difíceis redutos e às maiores distâncias, onde opera com diligência.

Portador de bênçãos, o amor cura, especialmente se não é direcionado para esse fim, mas como efeito da sua existência no indivíduo.

Certamente que, ao ser canalizado para a renovação do ser psicofísico, desempenha salutar papel na reconquista da saúde. Entretanto, no ato mesmo de amar, a cura dá-se natural e enriquecedora.

Amorterapia e vida são termos da mesma equação existencial.

Amor e conflitos

O amor é o único tônico de sustentação da vida e lenificador para as mágoas e aborrecimentos.

Quem racionaliza demais o amor e dispara as aspirações como flechas para que o alcancem, perde-lhe o contacto, o benefício que o mesmo exterioriza.

É necessário deixar à margem o receio de ser amado e abrir-se para o amor dos outros. Não poucas vezes, os conflitos de inferioridade, de narcisismo, de superioridade fecham o indivíduo no seu círculo esmagador, impedindo-o de expandir-se, de tornar-se receptivo ao amor que vem da Vida e àquele que procede das demais criaturas.

Na ânsia de amar, é dispensável atirar-se com sofreguidão no intento, como se fosse algo material que se consegue quando se persegue. Pensa-se que o amor se encontra sempre à frente, esperando, necessitado de ser encontrado.

Pode ser exatamente o contrário: o amor está atrás do indivíduo, tentando alcançá-lo enquanto ele corre a buscá-lo noutra direção. Para que isso se torne viável, basta estar aberto, receptivo e quando o sentir, deixar que se aposses por inteiro.

A sofreguidão por amar, de tal forma inquieta que se torna um tormento, em vez de transformar-se num deleite, numa realização plenificadora.

De outras vezes, é o medo de ser amado, por não saber como comportar-se, retribuindo o que recebe, assumindo postura compatível; silencia-se e mergulha-se em angústia...

Qualquer raciocínio em torno de como receber o amor torna a receptividade perturbada, porque é tão espontâneo o sentimento, o estado em que permanece, que nenhuma planificação pode estabelecer o melhor método de resposta, que sempre se dá sem regra adrede estabelecida.

Amado, não se tenha o cuidado de retribuir, deixando-se felicitar, e se estará demonstrando como lhe faz bem e quanto é reconhecido à fonte de onde promana a mensagem amorosa.

A retribuição pode parecer pagamento, mediante o qual anula o valor da doação, ficando, portanto, quite em relação ao outro.

O amor assim transforma-se em um negócio, em um devolvo-te conforme me ofereces, alterando completamente o seu feliz objetivo.

Em situação análoga, se a pessoa acredita que não merece ser amada, então o conflito diante do que recebe faz que se atormente, subestimando-se e não se sentindo bem quando visitada pela bênção do amor.

Ninguém há, no mundo, que não seja merecedor de amar e de ser amado. Todos se encontram em um Universo que nasceu do amor de Deus e dele está repleto, aguardando somente que cada qual o absorva na medida das suas possibilidades.

Em razão disso, o amor é infinito, nunca se desgasta, nem desaparece, suprimindo de vida a tudo e a todos.

O amor é como uma música sublime que penetra a alma e produz melodia inimaginável; como o oxigênio que se absorve para manter a vida e é eliminado em forma de gás carbônico sem qualquer esforço consciente. Alimenta, no entanto, e é necessário exteriorizá-lo, a fim de renovar-se na sua estrutura básica.

São muitos os conflitos que aturdem o indivíduo ante o amor.

Há aqueles que têm medo de amar, recordando-se dos sofrimentos que experimentou em outros tentames, que certamente não expressavam o amor real, mas sim os interesses, alguns talvez inconfessáveis, mediante os quais refugiava-se no seu nome.

Quando se ama, diluem-se os fantasmas do passado e não se corporificam os receios a respeito do futuro.

Ninguém pode passar pela existência terrena sem experimentar a presença do amor, rápida ou duradoura, dependendo do próprio comportamento.

Por mais que se haja sofrido no trânsito existencial, o amor é o único tônico de sustentação da vida e lenificador para as mágoas e aborrecimentos.

Quando morre um dos nubentes, aquele que fica tem a impressão que nunca mais será capaz de amar a outrem. Nada obstante, à medida que o tempo transcorre, encontra novo coração a quem se afeiçoa e com quem se consorcia, voltando à alegria de viver. É lógico que não se trata de uma traição à memória de quem desencarnou ou de esquecimento. Sucede que cada amor é uma expressão própria, cada convivência oferece um tipo de lição, cada ocorrência possui um significado específico.

Também, quando desencarna um outro ser querido, filho, genitor, irmão, amigo, a nuvem de melancolia que envolve aqueles que ficam na Terra deixa resíduos de amargura através do tempo, que o amor se encarrega de desfa-

zer, direcionando-se a outras criaturas que se tornam igualmente importantes, até mesmo quando ignorando o significado que passaram a ter em benefício de quem se encontrava em desalento.

Assim são os milagres do amor. Quanto mais se ama, maior facilidade adquire-se para amar, mais amplo se faz o campo de expansão dos sentimentos de ternura, de compaixão, de fraternidade, de caridade.

O amor é luz da vida, que não pode ficar emboscado ou guardado sob o alqueire, mas colocado no velador para iluminar tudo.

Ninguém há, no mundo, que possa impedir o amor de realizar o seu sublime ministério, proibindo-lhe o avanço, obstaculizando-lhe a marcha, caçando-o no território em que se encontra.

Os ditadores implacáveis, os justiceiros mercenários, os criminosos rudes, os impiedosos tentaram em todos os tempos demonstrar o poder de que supunham dispor, perseguindo os fracos e oprimindo-os, exterminando os que amavam e se deixavam consumir nas chamas vorazes que lhes ateavam, ou se permitiam decapitar, crucificar, morrer nos campos de extermínio. No entanto, à semelhança da relva gentil que renasce assim que chega a primavera, ressurgiam em toda parte, superando-os e cantando as glórias imperecíveis da sua realidade.

Desse modo, ninguém extingue o amor. Pode-se proibir-lhe a divulgação em palavras, em demonstrações ruidosas, nunca porém anular-lhe os efeitos na emoção.

O amor, no entanto, necessita de estímulos, de combustível para permanecer vigoroso, tais a oração, a meditação, os pensamentos saudáveis, as leituras edificantes, a elevação moral, haurindo energias nos páramos de onde procede.

Reserva-te alguns minutos para escutar uma música repousante, refazente, renovadora.

Pensa na sua mensagem delicada e penetrante, no poder de que se reveste, a fim de arrancar o indivíduo da melancolia e alçá-lo à alegria, ao bem-estar.

Contempla a paisagem silenciosa e inunda-te do seu colorido impressionante no matizado de luz colorida e de sombras delicadas.

Alimenta um pássaro, um animal, planta uma árvore e acompanha-lhe o desenvolvimento, não te importando, se não conseguires colher-lhe os frutos, que alguém receberá graças à tua dedicação e ao teu amor.

Assim é o amor, indefinível, mas expressável.

Amor-próprio

O amor-próprio dá a exata dimensão do que se é, de como se encontra e de quanto se necessita realizar.

Literalmente, pode-se definir o amor-próprio como sendo aquele que o indivíduo se devota a si mesmo, a forma ideal de buscar a renovação interior, de progredir moral e emocionalmente, de construir o edifício das realizações que aformoseiam o caráter e o plenificam em profundidade.

É conquistado através de um grande silêncio, a fim de que se possa austerar o íntimo, de modo a ouvir as mensagens que nele se encontram adormecidas e que irão despertando suavemente, apresentando o seu magnífico sentido por promanar de Deus.

Sem esse valioso contributo, perde o significado essencial que é dirigido ao Si profundo, resvalando para as conturbadas manifestações do ego, que se apossa das aspirações de beleza e de harmonia, transformando-as em imposições angustiantes que ferem os sentimentos dos outros, em razão do exagerado narcisismo de que se revestem.

O autoamor é a maneira mais promissora de ampliar-se a capacidade do afeto, direcionando-o para outras formas de vida, para outras pessoas.

Nada obstante, vem sendo confundido com o processo de desestruturação do sentimento em favor da autoiluminação, convertendo-se em manifestação de egoísmo, expressando-se conflituoso como orgulho ferido, que exige revide, impondo condutas extravagantes, senão absurdas na maioria das vezes.

Em razão desses tormentos, que remanesçam no ser humano graças às suas heranças passadas, suas ansiedades não realizadas, suas inibições e sentimentos não expressos, invariavelmente se analisam as ocorrências de maneira equivocada, dando campo emocional para reações graves e confusas, mediante as quais se agride ou se recua, encastelando-se na animosidade ou explodindo em lutas mal programadas.

Torna-se muito comum apresentar-se a criatura iracunda, revoltada, por sentir-se ferida no amor-próprio, considerando-se desprezada, não levada na consideração que se atribui e espera que as demais lhe concedam.

Esse mórbido comportamento tem sido responsável por inúmeros e desnecessários sofrimentos que infelicitam não pequena parte da sociedade.

O amor a si mesmo, proposto por Jesus, é um convite sem retoques à dignidade pessoal, ao reto cumprimento dos seus deveres em relação aos anelos íntimos que se estendem aos sentimentos do próximo.

Provavelmente, na sua fase inicial, expressa-se como autovalorização descabida, por ignorância real das possibilidades que lhe são inatas e daquelas que supõe expressar, nem sempre com o êxito que lhe seria desejável.

Inabilitado o Espírito ao amor-próprio no seu conteúdo mais profundo, permite-se tornar soberbo, enrijecer o sentimento de ternura e de respeito pelo seu próximo, equipando-se de comportamentos agressivos, a fim de esconder as deficiências que percebe na área da afetividade ainda desconhecida.

O amor-próprio, portanto, invita o esforço de compreensão dos direitos de todas as pessoas perante a vida e, naturalmente, que também lhe são lícitos, nunca porém constituindo-se um privilégio que se atribui em detrimento daqueles que são inerentes aos outros.

O amor-próprio saudável é fundamental nos relacionamentos humanos, em particular nas parcerias afetivas, no matrimônio ou não, quando direcionado para o processo de autoiluminação.

Não predominando esse propósito superior, ei-lo manifestando-se como competitividade, em que pretende sobrepor-se ao outro, mesmo acreditando que tudo quanto lhe oferece não pode ficar acima daquilo que a si mesmo se deve dedicar. Essa infeliz conduta responde pelos desastres nos relacionamentos, por faltar a compreensão em torno do diálogo que não pretende vencer o opositor e sim esclarecê-lo, encontrando um caminho ideal por onde ambos transitem sem agressão nem domínio de espaço, no qual se movimentem na busca das suas realizações, sem que haja prejuízo de natureza alguma para qualquer um deles.

Essa compreensão da necessidade de conviver com as próprias características, sem deixar-se vitimar pela imposição daquele a quem ama, também oferece consciência dos limites que deve alcançar, não os ultrapassando por exigência dos caprichos desmedidos, do orgulho disfarçado em amor-próprio.

À medida que o ser humano conscientiza-se dos objetivos existenciais, dos desafios que o aguardam, de como deverá enfrentar insucessos e problemas, maior se lhe apresenta o amor-próprio, que o induz a não cometer os mesmos desvarios de antes, ao culto do personalismo perturbador, ao

narcisismo desenfreado, nem tampouco à subestima, à desconsideração pelos seus potenciais de realização, enfim, a tudo quanto lhe é próprio como resultado das conquistas conseguidas.

Dá-se conta, então, do muito que lhe falta conquistar, porém oferece-lhe um inaudito júbilo em relação ao percurso vencido e aos valores já amalhados.

Percebe que muito ainda lhe falta para atingir a meta que estabeleceu, mas isso não o impede de avançar incessantemente, ganhando espaço pela estrada da evolução que percorre.

Vê, nos grandes missionários, verdadeiros mestres, mas não os inveja, assim como não lamenta aqueles outros que seguem na retaguarda, porque tem a perfeita compreensão de que em todo processo evolutivo existem os que se encontram na vanguarda e os que marcham atrás com disposição e confiança no futuro.

O amor-próprio abre um elenco abençoado de possibilidades de serviço para o progresso interior, equilibrando a emoção em referência às aspirações, a mente em relação ao comportamento, a vida diante da imortalidade.

Induzido ao autoaprimoramento, o Espírito torna-se tolerante para com as defecções do seu próximo, embora não concordando com essas atitudes infelizes; não se transforma em julgador de ninguém, porque conhece as dificuldades que defronta nesse embate de autodesenvolvimento que não cessa. A sua visão de mundo é mais abrangente, mais rica de compaixão, mais enternecedora. Os seus sentimentos fortalecem-se, não os estabelecendo para o amor, porém não se submetendo às imposições infantis e doentias das pessoas amadas.

Esse enriquecimento opera o milagre da paz interior, por compreender que, mesmo não amado, tem o dever de amar, e embora ignorado em relação às próprias conquistas, cumpre-lhe preservar o amor por si mesmo.

Quando é humilhado, não se sente diminuído; exaltado, não acredita em superioridade pessoal; perseguido, não teme a ninguém ou a situação aflitiva qualquer; bajulado, não acredita na lisonja mentirosa.

O amor-próprio dá a exata dimensão do que se é, de como se encontra e de quanto se necessita realizar a fim de alcançar o objetivo da harmonia.

Preserva o teu amor-próprio da habilidade mefítica do ego, não te estreimando com as pessoas que, de uma ou de outra forma, não te atribuam a consideração que supões merecer. O teu valor moral não pode ser medido ou compreendido por outrem que não esteja em nível de idêntica percepção.

Garimpo de Amor

Assim, concede-lhes o direito de te oferecerem respeito, que é a forma de que dispõem para expressar-te o que sentem em relação a ti.

Com amor-próprio acima de suspeitas infundadas, conquista as paisagens íntimas e sai no rumo do Infinito.



Amor e ressentimento

O amor é portador da magia renovadora, abrindo espaços para a instalação da felicidade.

Os relacionamentos humanos, em razão da falta de profundidade, são extravagantes, quer pelas suas exigências ou pelas suas necessidades de complementação afetiva.

Invariavelmente rápidos, expressam-se através de metas a serem conquistadas, sejam de caráter emocional, social, econômico, físico, espiritual...

Os indivíduos refletem as suas nas necessidades dos outros e nas aspirações dos demais, tornando-os ou transformando-se em espelhos através dos quais se contemplam.

Enquanto não definidos, esses relacionamentos fazem-se encantadores, entusiásticos, à medida que se aprofundam, mesmo que, em superfície, passem à constatação da realidade do outro, dos seus limites, dos seus conflitos, das suas necessidades.

Do júbilo inicial transferem-se para o desencanto gradativo, caracterizando-se como decepção em relação de uns pelos outros, pela falta de entendimento, para a compreensão de que ninguém pode ser ou deverá tornar-se a imagem que dele se elabora.

Quando os interesses e os objetivos propostos não se fazem conforme desejados, ocorrem os choques, o desrespeito, as agressões, as lamentáveis inimizades, que se abrem em feridas purulentas de curso largo...

Remanescem os ressentimentos, as acusações, as referências desmoralizantes, as culpas, o recuo para as atitudes formais e de indiferença pela afetividade, os propósitos de não mais se permitirem atingir pelas agressões que transferem para os outros.

Sucedede que a criatura humana, invariavelmente, ainda não aprendeu a amar sem mergulhar nos sentimentos do outro, procurando devassar-lhe o mundo íntimo, descobrir-lhe os impedimentos e desaires, administrar-lhe o comportamento.

Logo que se aproximam, os indivíduos, desacostumados à renúncia, tendem à submissão em aparência de bondade e de enternecimento, ou à imposição, por cujo mecanismo procuram assumir o comando da existência do outro, que sempre viveu sem esse direcionamento.

Surgem as exigências descabidas de um ou do outro lado, atravessando-se a linha do respeito que se deve manter em relação aos sentimentos pessoais, às ocorrências do passado, aos erros ou às conquistas, vivendo-se o claro-escuro perigoso dos desentendimentos.

Ninguém existe que se compraza em viver sem identidade, exceto nos casos patológicos.

Cada indivíduo é a soma das próprias experiências, dos seus erros e acertos. Pode aceitar amizade, sugestão, esclarecimento, nunca porém imposição, domínio, viver em posição subserviente.

No início, numa falsa tolerância, resultado do deslumbramento e do júbilo do encontro, da conquista, cede-se para agradar; age-se dessa forma para conquistar, mesmo que a prejuízo momentâneo das próprias aspirações, na certeza de recuperar-se o comando oportunamente, e quando isso não ocorre, ou surge ocasião de ruptura, o inevitável da agressividade faz-se abruptamente, gerando ressentimentos injustificáveis.

Enquanto se demoram as lembranças amargas dos relacionamentos malsucedidos, por exclusiva responsabilidade das atitudes levianas e da falta de respeito pela vida interior do outro, o amor permanece congelado. Toda vez que ocorre uma oportunidade de diluir a camada que o esfriou, a imagem do insucesso anterior é projetada e o recuo faz-se inevitavelmente.

Trata-se de uma atitude equivocada, porquanto não se pode mensurar todas as pessoas com os dados adquiridos na convivência com alguém.

O desacerto em um relacionamento deve ensinar a como não mais comportar-se em nova ocasião.

Para tanto, torna-se imperiosa a conduta de libertação da mágoa, abrindo-se ao milagre do amor.

Deve-se aprender a deixar-se amar, não permanecendo, no entanto, na postura daquele que somente merece ser amado, sem os estímulos para entender o amor em outras direções.

As feridas do ressentimento devem ser cicatrizadas com as novas experiências do amor de plenitude, aquele que não se denuncia, não aguarda retribuição, não trombeteia doações.

Mesmo em se tratando da sua manifestação física – passo inicial para sua mais ampla expressão – o respeito pela liberdade e dignidade do outro deve constituir atitude nunca desconsiderada.

Ninguém realiza uma viagem de muitos quilômetros sem que ocorram incidentes, dificuldades, ou surjam desafios a enfrentar. Nada obstante, o prazer do empreendimento supera os problemas e enseja valiosas experiências que irão aprimorar futuras programações, que evitarão as ocorrências ora enfrentadas.

Na experiência do amor, não serão poucos os fenômenos desafiadores, os insucessos, as conquistas de entendimentos e de realizações, os enfrentamentos emocionais.

Cultivar-se, porém, os ressentimentos que decorrem das experiências malogradas, cuja finalidade é proporcionar amadurecimento psicológico, desenvolvimento emocional, não passa de capricho infantil.

Todo aquele que espera uma existência rica de facilidades, um solo atapetado pelos prazeres e um céu sempre azul de bênçãos, detém-se em infância espiritual, negando-se ao desdobramento das diversas fases do aprendizado, no rumo da conquista interior.

Esse esforço é pessoal e intransferível, porque a evolução é individual, abrindo as portas para o progresso coletivo.

Cicatrizando o ressentimento nos refolhos do sentimento, qualquer moessa que permaneça facilita futuros atritos que se transformarão em novas feridas propiciadoras de sofrimentos.

Uma atitude, portanto, aberta em relação ao futuro, sem lembranças amargas do passado, nem ansiedades pelo porvir, constitui uma excelente forma de preservar-se receptivo ao amor, aceitando-o conforme se apresenta, e esforçando-se por oferecê-lo consoante as próprias possibilidades, assim vivendo em harmonia consigo mesmo e com todos aqueles que constituem a sociedade.

O amor é portador da magia renovadora que tudo apaga e consome, abrindo infinitos espaços para a instalação da felicidade.

Ninguém existe, que haja transitado pelos sublimes caminhos do amor, sem que tenha experienciado algum tipo de desafio, que nunca se deve transformar em ressentimento.

O amor humano, com as suas características – limites do processo da evolução de cada qual – avança inevitavelmente para o estágio divino, aquele que um dia a todos alcançará, instalando na Terra o Reino de Deus, a que tanto se referiu Jesus.

Amor e esparecimento

O amor, em si mesmo, pode tornar-se um esparecimento para o Espírito.

O amor é manifestação espontânea da Vida, que se apresenta como fonte geradora de alegria e de desenvolvimento intelecto-moral.

Ínsito no ser humano, emerge das profundezas do eu superior onde permanece adormecido, para desempenhar o incomparável papel que lhe está reservado. Não é uma compulsão ou um propósito que se deve impor, antes torna-se um desabrochar natural que se nutre da própria seiva, à medida que amplia a sua área de manifestação.

Quando se vê coagido pela necessidade ou imposto por circunstância imediata, expressa-se na forma perturbadora de dissimulação e hipocrisia que o descaracteriza.

A sua usual manifestação é sempre de fácil administração, não se submetendo a vínculos de exigência alguma ou a caprichos angustiantes.

Muitas vezes, o indivíduo sente-o em começo, não sabendo como auxiliá-lo a atingir o grau mais elevado, que é de natureza plena ou espiritual.

Ansiosamente imerge na sua busca e entrega-se com afã pelo conseguir, o que mais o atrasa, diminuindo-lhe a possibilidade porque constrangedora.

Somente quando se é capaz de desembaraçar-se das constrições do ego – e o amor é o recurso primoroso para esse desiderato – é que se lhe percebe a pujança de força que inunda os sentimentos e fortalece a mente, mantendo o equilíbrio orgânico. Por isso mesmo não se pode acomodar aos velhos padrões estabelecidos, mediante os quais a necessidade de trocas, o imperativo de retribuição, apresentam-se como indispensáveis.

Eis por que aquele que ama deve-se equipar de alegria e espontaneidade, a fim de que o amor flua como um regato cantante e tranquilo, beneficiando a área por onde desliza.

Assim, surge a necessidade da interiorização dos objetivos existenciais, para logo buscar-se a autorrealização emocional, brindando-se com júbilos contínuos que defluem do esparecimento e das conquistas em volta dos passos.

Uma caminhada sem preocupação, um momento de convivência em contato com a Natureza em festa, uma reflexão diante de uma velha árvore ou uma pequenina flor que desabrocha, uma borboleta voejando no ar ou um colibri parado diante de uma fonte de pólen e açúcar, a melodia da brisa que

perpassa, um monte a distância, uma nuvem ligeira, deslocam a mente das preocupações afugentes, levando-a à renovação interna, tornando-se elementos essenciais para a harmonização interior, para depois o regozijo invadir o ser, preparando-o para o encantamento do amor.

Somente pode oferecer amor quem se encontra dele possuidor e por ele está possuído em grau de alta magnitude.

O amor alimenta, oferecendo renovação incessante e paz de consciência ante os acontecimentos considerados dissabores.

É claro que não impede que o sofrimento alcance o indivíduo, muda-lhe porém a estrutura do comportamento diante do mesmo, auxiliando-o a manter uma emoção diferenciada do habitual.

Comumente as pessoas alteram a conduta conforme as ocorrências. Quando tudo está bem e apresenta-se risonho, creem na felicidade possível. No entanto, face a qualquer situação aflitiva ou constrangedora, modificam-se totalmente, anulando a dádiva do bem-estar e da plenitude.

O amor não impede a tristeza, não inibe a contrariedade, não interrompe o surgimento do mal-estar, não sendo, portanto, uma poção mágica, portadora de recursos sobrenaturais que concedem somente alegria e encantamento.

Esses fenômenos emocionais compreensíveis manifestam-se em todos os indivíduos como necessidades do desenvolvimento espiritual.

Toda marcha oferece desafios e realiza-se somando sucessos e erros, que constituem o patrimônio do conhecimento.

Sob a tutela do amor, o lado existencial sombrio, isto é, aquele assinalado pelos dissabores, pelas lutas do cotidiano, pelas manifestações desagradáveis, sempre estará irisado de luz, em convite para novos investimentos que alterarão o seu transcurso. O ânimo jamais diminui ante a borrasca e o envolvimento da alegria de viver não desaparece, nunca oferecendo campo à instalação da morbidez, da revolta, do desencanto...

A criatura humana é um complexo nervoso de altíssima delicadeza regido pela consciência que deflui do Espírito que é. Essa consciência manifesta as suas experiências vividas e catalogadas como precioso recurso de sabedoria.

Fosse o amor um talismã que impedisse os fenômenos humanos que enrijecem o caráter e constroem a sabedoria, seria perigoso e perturbador, por impedir o desabrochar de outros valores que procedem da Divindade e que devem ser conquistados através da reencarnação.

Compreender um acontecimento malfazejo não significa anuir com ele, mas antes dar-lhe direito de existir, sem entrar em choque, gerando mais prejuízo que qualquer outro resultado construtivo.

Há outros elementos edificantes para o processo de crescimento do ser espiritual, que também se apresentam como esparecimentos enriquecedores.

Uma boa leitura, que enseja crescimento interior, ampliação da óptica em torno dos objetivos existenciais; o recurso da viagem interior pela meditação, que seria ideal pudesse ser vivenciada diariamente, mesmo que por breve período de tempo; a oração, ungida de confiança em Deus, constituem tônicos que revigoram as energias, ampliando-lhes a de preservar os equipamentos que constituem o corpo, as engrenagens nervosas, as glândulas endócrinas, o sistema imunológico...

Esses elementos podem ser comparados com o ar puro que se aspira na montanha, a fim de produzir benefícios ao aparelho respiratório, por extensão, a todo o organismo, e àquele que é absorvido nas regiões pantanosas ou saturadas das vibrações pestíferas das criaturas em desalinho mental e moral, gerando infelicidade...

O amor, em si mesmo, pode tornar-se um esparecimento para o Espírito, porquanto não são poucas as pessoas que se alegram intoxicando-se com o ressentimento, envenenando-se com os vapores do ódio, embriagando-se com as emanações da pornografia e da sensualidade desarvorada, com os vapores do ciúme doentio, da inveja desagregadora, da calúnia infeliz...

Os estímulos da atual cultura do desamor e do desinteresse pelo próximo e pelos seus problemas faculta o surgimento do campeonato da insensatez, que fomenta o crescimento da criminalidade, da agressão e da violência, ao lado do despudor, da anarquia, da vulgaridade...

O amor é antídoto a todos esses morbosos descendentes da vilania moral que teima em permanecer nas criaturas que lhe dão guarida.

Quando o amor visitá-las, oferecendo-lhes o esporte do bem querer, os divertimentos grosseiros e asselvajados cederão lugar a novas propostas de recuperação de forças e de energia, em forma de inestimáveis processos de esparecimento emocional.

Amor e espiritualidade

Amor e espiritualidade são termos da mesma equação da vida, convidando a criatura a busca de Deus.

Pode-se medir o grau de espiritualidade de um indivíduo pela sua capacidade de amar.

Quando o seu é um desprendimento que o leva a pensar antes no seu próximo do que em si mesmo, estabelecendo diretrizes de felicidade que cumpre com devotamento, distante dos tormentos do egoísmo e das paixões dissolventes, já é capaz de amar em plenitude. Isso não o impede de agir com prudência, mantendo-se em equilíbrio diante das circunstâncias e dos acontecimentos que envolvem o seu sentimento de doação.

Ao mesmo tempo, proporciona-lhe uma visão realista em torno dos seus deveres de cidadania e de autoburilamento, por entender que a proposta de ascensão espiritual é destituída de qualquer limite.

Igualmente descobre as imperfeições morais que ainda lhe tismam o caráter, gerando-lhe embaraços que lhe dificultam mais rápida vitória sobre os empecos da marcha.

Não luta, porém, contra esses fatores de perturbação, assumindo antes uma postura de compreensão dos limites que lhe assinalam o ser, buscando amar também a esses atavismos que procedem das experiências pretéritas e que não foram ainda eliminados.

Sempre que acossado por desejos inquietadores, não se rebela, devendo procurar substituí-los por sentimentos opostos, aqueles que edificam e asse-renam.

Côncio do que pode realizar em benefício próprio, sem qualquer prejuízo para as demais pessoas, investe na luta de renovação constante, sem traumas nem ansiedades, insistindo sempre na conquista de mais amplos horizontes emocionais que o afastem das províncias de sombra e de dor por onde deambulou.

Esse esforço pessoal auxilia-o a entender os limites em que as pessoas se debatem, sem possibilidades de autossuperar-se de um para outro momento. A paciência, diante das imperfeições alheias, dá-lhe resistência para suportá-las quando se lhe apresentam em forma de hostilidade, de perseguição, de inveja, de competitividade malsã.

O amor instala-se no sentimento humano, quando se lhe abrem as portas para a entrada, evitando-se os obstáculos torpes dos interesses pessoais e das lutas de dominação, que tipificam a agressividade latente e o egoísmo doentio.

Não tendo fronteiras que o limitem ou o impeçam de avançar sempre, é atuante e compassivo, sempre disposto a servir e a enriquecer as vidas que se lhe acercam e passam a necessitar do seu hálito vital.

Em consequência, o amor não tem passado, reservando-se um intérmio presente, que se manifesta em tempo que já passou e em oportunidade que virá.

Nunca se permite ser discutido, pois que o excesso de palavras entorpece-o, enquanto que a ausência total delas, desvitaliza-o.

Não se assoberba, porque conhece o campo em que moureja, lúcido e jovial, abrindo os braços à solidariedade, passo inicial para alcançar a culminância na caridade e no perdão total.

A vigência do amor no mundo independe de ideologias de natureza política, religiosa, cultural, social. Medra em todos os segmentos em que se movimentam as criaturas humanas, sendo, naturalmente, mais emulado quando um ideal arrebatador domina a mente e o coração do indivíduo. Não obstante, independe de grupo ou de clã, porquanto, se assim não o fora, expressar-se-ia com o sentido de retribuição na facção de qualquer natureza onde se instala.

Por isso mesmo, não dissente em relação àqueles que lhe não compartilhem o pensamento nem o comportamento, estando atento a essa sutileza, a fim de poder ser totalmente livre, ganhando espaço e intemporalidade, com que avança no rumo da imortalidade, que é sua meta esplendorosa.

O amor é o instrumento para que a sociedade se encontre em patamar avançado de natureza moral, especialmente quando ultrapassa os níveis primários onde tem início o seu processo de fixação.

Sem dúvida, portanto, cada um expressa o amor de conformidade com o estágio de desenvolvimento espiritual em que se encontra.

Eis por que, variante e complexo, encontra-se em toda parte no Universo, particularmente na vida terrena, enlaçando todos os indivíduos no mesmo elã de alegria de viver e de cooperar em benefício geral.

A conquista da espiritualidade é assinalada pelos inúmeros passos do amor.

No primitivismo, em que a defesa do grupo é essencial para a sobrevivência, passando pelos graves combates de destruição, surgem os passos em favor do intercâmbio social, econômico, moral, desenvolvendo-se como método de crescimento tribal para tornar-se uma sociedade mais conforme a fraternidade, na qual o direito substitui a força, superando os impulsos asselvajados para transformar-se em emoções compensadoras.

Dessa forma, à medida que vão ficando na retaguarda do processo de desdobramento ético, mais aprimoradas fazem-se as formas de expressar-se, aproximando o Espírito sedento de plenitude da Fonte Inexaurível de onde procede.

Quando ainda atado ao primarismo, apresenta-se como dedicação e posse, carinho e dominação, bondade e jogo de interesses, devotamento e retribuição, entrega e zelo excessivo.

Possuidor de mil faces, apresenta-se conforme o período moral que tipifica a criatura, que se sente invadida pela sua força, e nem sempre sabe decodificar-lhe a excelência, obrigando-a a submeter-se-lhe quando assume a postura exigente, muitas vezes perversa, em que se compraz.

Inegavelmente estrutura-se nos próprios enganos e caprichos, aprendendo a libertar-se de qualquer constrição, para então espriar-se sobranceiro e gentil, nada solicitando, nada aguardando, nada impondo.

O amor é humilde, porque reconhece a energia de que se constitui, no entanto, não se permite vangloriar pelo poder de que dispõe, preferindo vencer as resistências suavemente e fixar-se imperceptivelmente, terminando por dominar o ser.

Amor, portanto, e espiritualidade, são termos da mesma equação da vida, convidando a criatura à busca de Deus.

Não deve, porém, o amor ser buscado com aflição, embora a espiritualidade seja desafiadora e necessite ser trabalhada com intensidade.

Quando se corre atrás do amor com ansiedade e sofreguidão, ele provavelmente não será encontrado, porque sempre será encontrado pacientemente aguardando...

Cada passo que dê em direção à autoespiritualização, mais próximo sentirás o amor, que te impulsionará a conquistá-la, não te permitindo deter no que já conseguiste, antes acenando-te com novos desafios evolutivos.

Renunciarás então aos dispositivos egoísticos para cresceres com o grupo social no qual te encontras, enquanto irradiarás as energias da vida em todas

Garimpo de Amor

as direções, consciente de que a tua será a decorrência da felicidade daqueles que seguem contigo pelo mesmo caminho, e que aguardam a tua cooperação, a fim de superarem os impedimentos que os aturdem.

Na raiz da espiritualidade do ser encontra-se o amor, e no sublime oceano do amor desenvolvem-se os compreensíveis impositivos da espiritualização que liberta e sublima.



Amor e relacionamento

Quando se ama a outrem, a compreensão e a compaixão são essenciais.

O amor está dentro das criaturas aguardando o desabrochar, que pode ser mediante estímulos externos ou de natureza íntima. Surge, suave ou abruptamente, desencadeando-lhes uma série de emoções desconhecidas que apresentam motivações para viver, mas que antes permaneciam ignoradas, passando a proporcionar-lhes sentido psicológico à existência.

Muitas vezes, não se dão conta da sua presença interior, ou talvez quando começou a medrar-lhes no imo, na condição de dádiva superior, perdendo-se-lhe o contato e transferindo-se para outras faixas de interesses como de sensações.

Levando à espiritualização, propõe alteração de conduta e realização pessoal, porquanto amadurece as aspirações que mudam de metas, tornando-as mais significativas e de maior profundidade.

Pela necessidade de viver em sociedade, o ser humano não pode prescindir do amor e das suas manifestações que sustentam os relacionamentos, sem os quais a ausência de significado conduzirá à indiferença, à morte dos ideais.

É, todavia, nesses relacionamentos que deve desenvolver toda a potencialidade que lhe é inata, a fim de facilitar a movimentação da afetividade e produzir os efeitos essenciais ao companheirismo. Sem um sentido exato dessa função, os encontros pessoais tornam-se áridos de conteúdo, perdendo em profundidade o que pode ser adquirido em superfície.

No companheirismo – com nubente, parceiro, amigo, parente ou familiar, conhecido ou não – torna-se indispensável revestir-se de magnanimidade e compreensão a respeito do outro, eliminando os impositivos do ego, evidentemente sem a perda da dignidade, a fim de criar-se laços de verdadeira identificação afetiva que facultem bem-estar e prazer.

Quando dois indivíduos se buscam para um relacionamento de profundidade – no matrimônio, na união dos sexos, na amizade edificante – os sentimentos abrem-se a um entendimento mais amplo, que invariavelmente deteriora, à medida que se vão conhecendo, por se descobrirem as limitações, as dificuldades, os desempenhos do outro, o ser real que é cada qual, causando choque, decepção, desencanto, como consequência de imaturidade afetiva...

Ocorre que o mau hábito de projetar a imagem no outro sempre gera frustração.

Pessoas inseguras criam padrões de criaturas ideais, perfeitas, felizes, tudo aquilo quanto não conseguiram tornar-se e, atraídas por essa fantasia, transferem as aspirações frustradas para aquele que se lhes acerca e lhes inspira afeição. No começo do relacionamento, quando a ilusão prevalece sobre a realidade, o entusiasmo faz que se identifiquem aqueles caracteres na pessoa elegida. A convivência, íntima ou não, dilui essa conceituação mítica, que lhe atribui valores que não existem, por necessidade de realização noutrem, que infelizmente não foi conseguida em si mesma.

O choque é inevitável, abrindo espaço para o desconcerto interno, por consequência, para a inibição do amor real, que desabrochará no futuro.

No relacionamento sexual, puro e simples, ou no conjugal, de maior profundidade, o êxito da união sempre dependerá do contributo essencial do amor.

Passadas as sensações iniciais da intimidade, surgem os desafios da convivência, que irá exigir tolerância de ambos os parceiros, interessados pela preservação da própria identidade, mas atraídos um pelo outro.

O amor gera amor. Autoamando-se, compreende-se melhor a maneira de amar-se a outrem.

Analisando a forma como se gostaria de ser tratado, preservada a sua liberdade, respeitados os seus interesses, abrigado na confiança destituída de formalismos, tem-se um roteiro inicial para entender como conduzir-se em relação ao outro.

Não desejando para si senão o que lhe parece proveitoso e criativo, assim deverá comportar-se em relação a quem ama.

Descobrimo essa linha de comportamento, é natural que se busquem companhia e afetividade, a fim de tornar a existência mais agradável, mais produtiva. Nessa busca natural, que faculta encontros variados, vem a necessidade de selecionar, que possibilita a eleição de determinada pessoa para um relacionamento mais significativo. Surgem, nesse momento, os grandes desafios interiores, que se impõem como mecanismos de segurança para a preservação da escolha. É nesse instante que os valores pessoais são colocados em teste.

A intolerância, por exemplo, filha espúria do egoísmo, é uma das grandes responsáveis pelo afastamento das pessoas, dificultando os relacionamentos

que poderiam ser produtivos e compensadores. Não estando disposta a compreender que a deficiência de qualquer natureza faz parte da condição de humanidade, exige mais do que oferece, espera receber em escala mais ampla do que merece, aspirando infantilmente a preservar a conduta imatura, em detrimento da verdadeira compreensão a respeito dos limites emocionais, morais e comportamentais que tipificam cada um.

Quando se ama a outrem, seja qual for o tipo de vínculo que se estabelece, dois fatores tornam-se essenciais: a compreensão e a compaixão. A compreensão dilata a capacidade afetiva, abrindo campo ao auxílio colocado à disposição do outro, o interesse pela sua harmonia e felicidade, sem que, com esse sentimento, deseje-se tornar mártir do amor... A compaixão conduz a uma postura mais profunda, porque contribui para uma dilatação maior do entendimento, que envolve em ternura e bondade, abrindo-se à paciência, quando os outros contributos da afeição, de momento, não logram o desiderato.

Todo relacionamento é um compromisso de intercâmbio, de doação e de oferta, de generosidade e de libertação.

O companheirismo, por sua vez, é um relacionamento de valor significativo, porque disposto a auxiliar sempre que necessário; nada impondo nem a nada se recusando, está sempre aberto às condições que surjam favoráveis. Não tem pressa em alcançar resultados opimos de imediato, porque se compraz em ser gentil, oferecendo amor e tolerância.

Ninguém é capaz de viver sem o amor, especialmente direcionado a alguém, à Natureza ou ao Soberano Senhor da Vida. Mesmo quando se vincula ao Criador, volve na direção das criaturas, que se tornam meta imediata a conquistar, a fim de transcender no rumo da Causalidade Absoluta. Sem o contato de natureza humana, sem o objetivo tangível, que experimenta as resistências morais e dá-lhes mais vigor, jamais será alcançado o objetivo último, que é a comunhão divina em plenitude.

Por isso, o amor deve sempre estar presente na vida, no companheirismo, na convivência difícil ou não, nos relacionamentos.

Buscando-se a essência espiritual que se é, o amor nutre-se da própria energia. Após a descoberta de quem se é e para que se encontra na Terra, alarga-se, então, no rumo do próximo, a fim de experienciar-se o companheirismo, experimentar-se o relacionamento, adquirir-se sabedoria na convivência, desenvolvendo-se os sentimentos essenciais encarregados das emoções superiores da vida.

O companheirismo íntimo, individual, é o passo primeiro para o estabelecimento do amor fraternal fora do grupo afetivo em marcha para o universal, que albergará todas as criaturas num mesmo sentimento.



Amor e conciliação

(Re)conciliação é momento de amor no desenvolvimento dos elevados valores da vida.

A existência física de todos os indivíduos é assinalada por sofrimentos e lutas que não cessam. Sai-se de um estágio difícil e inicia-se outro, defrontando-se novas formas de experiências, nas quais o desalento e a dificuldade parecem unir-se para obstaculizar a marcha do viandante.

Aqui é alguém que deserta da companhia, ali é a trama da ignorância travestida de perversidade, conspirando contra a paz, mais adiante é a infâmia urdindo dissabores sem conto. E o viajante do carreiro carnal, também desestruturado emocionalmente e sem os requisitos espirituais para compreender as ocorrências necessárias, acumula amarguras e decepções, que se transformam em ressentimentos e ódios perturbadores.

Ignorando a legitimidade do amor, por não o haver ainda vivenciado, acredita que qualquer tentativa de insculpi-lo no íntimo redundará inútil, senão pernicioso, em razão de, aparentemente, não haver campo para a sua vigência.

Acumulando fel e desar, quem assim se comporta recua ante as possibilidades de expressar afeto, desconfiando das manifestações dessa natureza que lhe são direcionadas.

Sem dar-se conta, torna-se pessimista em relação às demais pessoas, à sociedade, à vida, tornando-se amargo e desinteressado de relacionamentos mais profundos, receando experimentar sofrimentos mais graves.

O amor, no entanto, é poderoso elixir de longa vida, que restitui as energias gastas e as esperanças fanadas.

Os acontecimentos nefastos que são relacionados, de forma alguma defluem da sua natureza, sendo antes fruto do primarismo do sentimento humano que se apresenta em forma inicial de crescimento, direcionando-se no rumo da afetividade.

Porque ainda asselvajado, não possui uma ética de comportamento que estabeleça o código de como proceder em relação ao outro, àquele a quem se dirige, permanecendo instável, interesseiro, amorfo, não definido. À medida que conquista as paisagens do sentimento, altera a constituição e passa a expressar-se de maneira diferente, propiciadora de confiança, estabelecendo elos de legitimidade com que se aformoseia e se encanta.

O amor jamais causa dissabor, nunca decepciona nem se desaponta. Isso porque nada espera em resposta, evitando impor-se como manifestação egoísta ou tornando-se cediço em nome da afeição, quando a sua deva ser a atitude de coerência com a realidade.

Eis por que, no amor, uma das maneiras mais graves de manifestar-se será quando convidado a negar algo que não corresponde à legitimidade dos acontecimentos ou simplesmente não deva ser concedido. Pode chocar, jamais iludir, não temendo a reação daquele a quem se dirige e que, talvez, não lhe compreenda a atitude veraz, dignificadora.

O amor, também, mesmo nos momentos mais ásperos, jamais interrompe a sua ação, permanecendo integral, embora não manifesto de maneira objetiva, sensorial. Nessa atitude silenciosa e quase desconhecida emite energias de alta potência que vitalizam o ser amado, que lhe ignora a procedência.

O amor é conciliador, no entanto não se acumplicia com aquilo que é incorreto.

Possui o dom de perdoar, olvidando todo o mal apenas para recordar-se de todo o bem que pode vislumbrar em qualquer ação ou pessoa.

Reconcilia-se com o adversário, aquele que se fez inimigo e se comprazia em manter uma atitude hostil, responsável por situações desagradáveis e prejudiciais. Não cobra estipêndios morais, a fim de estabelecer a paz. Expressa a verdadeira conciliação, auxiliando o incompreendido ou malsinado a conviver em harmonia com aquele que o infelicitou ou lhe gerou problemas, não os recordando, tampouco solicitando esclarecimentos e justificações, aliás, muito do agrado do egoísmo doentio.

A conciliação, que é filha direta do perdão e da compaixão, faculta inusual júbilo do sentimento, que tudo apaga e esquece, compreendendo que aqueles comportamentos anteriores eram resultado da ignorância e das experiências iniciais do processo evolutivo.

Reconciliado no mundo interior, aquele que ama esparze jovialidade, modificando a aparência física que retrata o estado emocional interno, assim catalisando simpatia e saúde espiritual.

Essa conquista de reconciliação não espera, necessariamente, o ressarcimento, e porque nada aguarda, nunca se decepciona quando ainda permanece incompreendida ou não é aceita pelo outro, o seu opositor.

Não é importante que aquele a quem é dirigida agasalhe-a, considerando a oportunidade adequada para o estabelecimento da paz. O seu valor consiste no que significa para quem a desenvolve, pouco lhe importando os resultados que disso advenham.

O amor é rico de conciliação, porque sabe que essa é a atitude melhor, que somente pode produzir frutos sazonados, e que um dia esplenderá em um hino de solidariedade e de paz entre todos os seres.

Por extensão, confia no poder dessa força intangível, mas que movimenta o Universo, sabendo inconscientemente que, cedo ou tarde, a sua doação retornará pelos movimentos especiais de fraternidade, entendimento e amizade.

Não seja estranhável se a pessoa que deseja realmente amar envolve-se em problemas e conflitos. Por não saber ainda os mecanismos sutis do amor, procura expressá-lo nas ocasiões inadequadas às pessoas imaturas e despreparadas, recebendo de volta complicações e dúvidas ultrajantes.

É compreensível que tal aconteça, se for considerado que o amor exterioriza-se no emaranhado dos relacionamentos, interligando pessoas de temperamentos diversos, de diferentes culturas e condutas, não as julgando ou as condenando, não concordando ou deixando de anuir com a sua forma de ser.

Aprende-se a amar. O sentimento surge espontâneo, porém desenvolve-se pela experiência, mediante a sabedoria e convivência com os demais seres humanos.

Os relacionamentos não são muito fáceis, porque cada um tem a sua própria historiografia escrita na sua maneira de ser. Dificilmente dois indivíduos respondem da mesma forma aos apelos do amor, seguindo, não poucas vezes, veredas diferentes. O amor os entende e avança ao seu lado até onde é possível, prosseguindo não conforme agradaria, porém consoante lhe convém.

Esse é um dos momentos mágicos do amor e da conciliação: saber onde parar, quando prosseguir e como fazê-lo...

O Mestre do amor referiu-se com imensa propriedade: Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele.

Para que haja essa (re)conciliação é necessário que o amor impere no país dos sentimentos, oferecendo paz e perdão ao ofensor, sem o que o gesto de busca e encontro perderia o seu significado, por manter apenas uma posição exterior.

Garimpo de Amor

(Re)conciliação é momento de amor em pleno estágio de desenvolvimento dos elevados valores da vida.



Amor e paixão

São essas paixões, filhas do amor, que oferecem os mais belos contributos de arte, de literatura, de ciência...

Nas experiências primeiras do amor, a imaturidade em torno do processo afetivo conduz à paixão.

A opção exacerbada, quase sem lucidez, em torno da pessoa ou do objeto elegido, nesse momento torna-se uma necessidade, sem a qual a vida perde o sentido.

Instalada a paixão, a monoidéia em torno do que se aspira transforma a existência em um tormento que somente parece acalmar-se quando se consegue satisfazê-lo.

Da mesma forma, porém, que surge, à semelhança de um incêndio voraz em palha seca, à medida que o combustível desaparece as chamas diminuem até se apagarem, quase não deixando vestígio, exceto em forma de cinzas...

Na afetividade, sucede, com certa frequência, o surgimento da paixão devoradora e afligente. Expressando a sua forma de amor, domina as paisagens da mente e do coração, alterando completamente a conduta e as aspirações idealísticas, que passam a girar em torno daquilo que se convencionou indispensável à vida.

Nesse turbilhão, quase irracional, pergunta-se como tem sido possível viver sem essa presença, como foram insatisfatórios os dias do passado antes desse encontro, como se apresentará o futuro, caso não seja possível tornar a aspiração um fato consumado?!

Certamente não foram vazios os tempos que se foram, porque também possuíram sua beleza própria para aquele momento, sua finalidade que foi realizada, mesmo sem a presença daquilo ou de quem agora se apresenta como essencial. De igual maneira, a atualidade não tem sido tão destituída de significado conforme no momento se tem a impressão, e logicamente o porvir não será tão nebuloso como se supõe, não se concretizando o desejo anelado. É que a paixão cega, tirando o raciocínio em torno da realidade, conduz ao ridículo, em face da perda do senso crítico e da nova dimensão da conduta.

Quando cessa e os escombros permanecem, somente então se verificam a inutilidade e a ilusão de que se revestia, ora totalmente superada e mesmo apresentando lembranças amargas, quando não desesperadoras.

A paixão, quase sempre, resulta de desejos sexuais não atendidos, de ambições do ego não equilibrado, de competições inconscientes em vãs tentativas de afirmação da personalidade.

Em alguns casos, é porta de acesso para a futura instalação do amor, porque o sentimento arrebenta as reservas emocionais, desamarra as inibições constrangedoras, e quando acalmada a explosão dos desejos, propicia o surgimento de dúcidas vibrações do bem-querer, do participar de outras vidas, do prolongar-se na direção de outrem, de envoltimentos afetivos que resultam saudáveis.

Santo Agostinho teve ensejo de enunciar que era apaixonado pelo amor, significando que se lhe houvera doado integralmente, por nele haver encontrado o alimento de que necessitava a sua existência, que passou a circunscrever-se em torno da realização do objetivo de autoiluminação a que se entregou.

Houvera antes experienciado as paixões devoradoras que o fizeram arder sem realizar-se, o que não sucedeu com o amor sem posse, ao qual ofereceu o restante da sua existência.

É comum encontrar-se essa paixão de natureza transcendental naqueles que se doam para construir novas realidades de beleza e de santificação na Humanidade.

Seria, nesse aspecto, que a paixão resulta do amor em grau de profundidade tão expressivo, que pareceria irracional o comportamento daquele que se deixa arrebatar pelas suas emoções.

Sucede, no entanto, que o ardor pelo fazer, por alcançar a meta ambicionada, faz-se tão veemente, que somente um esforço hercúleo facultará conseguir-lo.

Nessa doação e entrega nenhum obstáculo se torna impedimento, porque todos podem ser superados, afastados, vencidos, dependendo da maneira como é visto e considerado. Não poucas vezes, esse impedimento constitui emulação, provocando reações fisiológicas na química do sangue, que se transformam em vitalidade e que promanam da aspiração idealística. É nesse estágio que se veem pigmeus agigantar-se, pessoas frágeis adquirirem resistências incomuns, temperamentos tímidos desenvolverem capacidade incomum de audácia e persistência.

Também, não é possível olvidar que, direcionada em sentido perturbador, alucina e destrói, respondendo por calamidades imprevisíveis, por desastres

incalculáveis, por guerras lamentáveis, todos defluentes do egotismo selvagem daqueles que lhe tombam nas urdiduras.

O amor, porque é lúcido e dimensiona todas as suas manifestações, jamais exorbita, engendrando dissabores ou disseminando males que podem afetar o indivíduo ou o grupo social no qual se espraia.

A paixão-amor, que almeja tornar melhores os indivíduos e mais feliz a sociedade, esquece-se de si mesma, a fim de não malbaratar o tempo em superficialidades por conhecer o de que dispõe ante a relatividade, do tempo que lhe está ao alcance.

Fixando a mente no objetivo estabelecido, avança, sem detença, na sua execução, nunca diminuindo o entusiasmo, nem mesmo quando diversos fatores surgem dificultando-lhe a execução. Pelo contrário, nesses impedimentos encontra forças para prosseguir, acreditando-se mesmo estar mais próximo da vitória do que do insucesso.

São essas paixões, filhas do amor, que ofereceram e prosseguem ensinando os mais belos contributos de arte, de poesia, de literatura, de ciência, de tecnologia, de santificação ao mundo, nos quais aqueles que se encarregaram de produzi-los dedicaram a existência sem qualquer hesitação, porque absolutamente conscientes do ministério para o qual vieram à Terra.

Dessa forma, aproximam-se de Deus sem que se afastem dos homens e das mulheres do mundo, aos quais aprendem a servir e a erguer, conduzindo-os com incomum paciência e ternura até os paramos dos ideais que lhes florescem as mentes e os corações.

Alguns isolam-se, a princípio, a fim de encontrar-se intimamente, de modo a adquirir forças para a aplicação no investimento que realizam. Excepcionalmente, perdem-se na solidão, na busca da meta que, mais tarde, noutra reencarnação, terão ensejo de aplicar na multidão. Torna-se-lhes um treinamento emocional de que necessitam, autossuperando-se até conseguirem as resistências que não mais se quebrarão nos embates que são travados no século, para que consigam estabelecer as valiosas contribuições de amor, de que ora são portadores.

Os cristãos, evocando Jesus durante a Semana do testemunho, têm afirmado através dos evos que aqueles foram os dias da Sua paixão, do Seu sofrimento, no que têm alguma razão. No entanto, em uma análise mais cuidadosa, pode-se afirmar que a paixão do Amável Benfeitor não ficou restrita àqueles dias, mas sim que se alonga na direção das criaturas de todos os tempos, algumas ingratas, outras indiferentes, mais outras incapazes de O

Garimpo de Amor

entenderem em totalidade, mas que Lhe constituem a família que d'Ele necessita e ainda não reconhecem essa realidade.

Por amor-paixão Ele deu a vida, e prossegue, infatigável e confiante como naquela ocasião, ensinando, ajudando e aguardando...



Amor e educação

Educa-se para o amor, como dever inalienável para uma vida feliz.

A tradição egoística, que ainda permanece em muitos quadros da educação familiar, transformou o amor em um recurso utilitarista, isto é, somente oferecê-lo quando se puder recebê-lo de volta ampliado e compensador. Na maioria das vezes, por meio desse comportamento, arma-se o educando com desamor, a fim de que não seja explorado, não se transforme em um ingênuo, acreditando-se que o seu sentimento não poderá modificar as demais pessoas nem o mundo. Com essa ultrapassada conceituação, propõe-se a indiferença em relação ao próximo, que deve ser explorado, considerado descartável, de maneira a não lhe ser vítima, conforme assevera-se, prejudicialmente, tem sempre acontecido.

Em consequência, a generosidade, a pouco e pouco, desaparece-lhe do convívio social desde a infância, quando se cultivam as tendências comodistas, personalistas, em detrimento da solidariedade, dos interesses recíprocos que devem constituir a saudável comunhão social.

Nesse tipo de cultura os relacionamentos são baseados no lucro, naquilo de que cada um se pode beneficiar, na exploração do outro, embora as legislações de muitos países e incontáveis partidários dos direitos humanos digam-se vinculados à não exploração do homem pelo homem. Essa exploração, é claro, não se encontra adstrita apenas ao trabalho convencional, mas também a qualquer maneira de depauperamento do outro a benefício pessoal, ao uso indevido dos recursos e valores alheios, ao benefício das afeições com objetivos interesseiros...

O amor adquire, então, a conotação infeliz de intercurso sexual destituído de compromisso e de responsabilidade, no qual, o outro, o parceiro que se afeiçoa, quando abandonado, o que sempre acontece, passa a experimentar dilaceração emocional.

Utilizado, mas não estimado ou ao menos valorizado, dele alguém se livra com indiferença, seguindo adiante até tornar-se vítima dos próprios atos, quando é, por sua vez, desprezado também.

A sociedade é o que dela fazem os seus membros. Quando se cultivam respeito e dignidade, compreensão e solidariedade, temo-la feliz; no entanto, quando se lhe aplicam o relho e a soberba, a falsa superioridade e o despotismo, ei-la desditosa e anárquica.

O que se lhe semeia, facilmente medra e produz, assinalando-a de maneira irrefragável.

Uma cultura utilitarista é profundamente infeliz, porque ninguém pode viver sem o concurso de outrem, sem a participação do companheirismo que o dinheiro ou o poder jamais podem conquistar. Pessoas compradas não têm nenhum significado emocional, pois que são trêfegas e traiçoeiras, mudando de situação e parceria conforme o prêmio que lhes é oferecido.

Somente o sentimento de amor possui o milagre de poder plenificar, porquanto, independentemente de preço, de condição, possui o vigor da generosidade que enriquece o coração e refaz a lucidez do Espírito. Isso porque o amor procede de dentro, do âmago do ser, onde tem a sua origem divina, em razão da sua causalidade.

O amor é sempre generoso, possuidor das fortunas da bondade, do carinho, da compreensão, da compaixão que nele predominam, antídoto eficaz para a crueldade, a ignorância, o egoísmo, esses adversários cruéis da criação humana.

Nos lares onde o amor escasseia, os sentimentos são controvertidos e a família se apresenta dissociada dos vínculos de união, cada um trabalhando para vencer na luta e superar o outro.

O grupo familiar torna-se acidente biológico, em cujo curso os pais se descumbem do dever, que nem sempre se lhes apresenta como agradável, que é o de atender a prole e dela libertar-se quanto antes, a fim de viverem os prazeres que se reservam, considerando o tempo perdido que aplicaram, dizem, na assistência aos filhos.

Assistência, sim, porque nem sequer houve preocupação de amá-los, de educá-los, de prepará-los para a existência, instrumentalizando-os com os incomparáveis bens do Espírito: amor, respeito ao próximo, abnegação, compaixão.

Áridos emocionalmente, tornam-se insensíveis em relação às demais criaturas, pouco importando-se quando as ocorrências inevitáveis do curso existencial alcançam aqueles que os geraram, aos quais decretam solidão, oferecendo assistência remunerada a distância, quando o fazem, nunca porém doando-lhes afeto, pois que jamais o receberam.

O resultado nefasto dessa conduta não para aí, porquanto, por sua vez, tornam-se também genitores desapiedados, mal-humorados, que reclamam de tudo quanto concedem no lar, considerando não haver possibilidade de

próxima ou de remota retribuição, o que os aflige no seu desenfreado egoísmo.

Esse comportamento espúrio que viceja em muitos setores da atualidade é responsável pela miséria moral, geradora daquelas de natureza social, econômica, emocional, estimuladora da agressividade e da violência, do ódio urbano e das paixões desabridas.

Entre as pessoas que possuem cultura, torna-se mais perversa essa conduta, porque ninguém pode ignorar os benefícios do amor que se recusa a dar e até mesmo a receber quando lhe é direcionado, em razão da sua filosofia pessimista.

Nas classes menos afortunadas socioeconomicamente, o drama é mais doloroso, porque a ignorância que as insensibiliza é transferida para os descendentes em forma de ódio contra a sociedade, na qual respiram com dificuldade, estimulando a tomada pela força de tudo quanto lhes é negado pelo direito de cidadania e de humanidade.

O amor, no entanto, quando medra e é estimulado a desenvolver-se, amplia-se em generosidade que multiplica recursos, colocando-os à disposição de todos, com o que se alegram e se compensam afetivamente, dando surgimento à justiça social e ao trabalho edificante que os unem em clima de progresso.

O amor sempre avança na direção de outrem, iluminando-o, se jaz em sombras, ou fundindo a sua na luz que defronta, aumentando-a, desse modo, sem qualquer esforço.

O amor faz parte do programa de educação no lar e da grade escolar, orientando os impulsos que se devem transformar em sentimentos, os instintos que evoluirão para emoções, a aprendizagem que se encarregará de criar atos de afabilidade e de doçura, de reto dever em relação aos demais, produzindo bênçãos para aquele que assim se comporta.

Educam-se comportamentos, costumes e necessidades, que se fazem um compêndio de boas maneiras com as quais se pode transitar equilibradamente nos diferentes setores e períodos da existência terrena.

Da mesma forma, educa-se para o amor como dever inalienável para uma vida feliz, permanecendo-lhe receptivo à manifestação que se expande ou à sua captação quando lhe é direcionado.

O hábito de amar é adquirido no lar, ampliando-se na escola, aplicando-se na vida social que se encontra na família, na convivência entre colegas, no

comportamento fora dos limites domésticos e dos estabelecimentos de ensino.

Essa educação, porém, não deve ser formal, aquela que apenas transmite conhecimentos, mas sim a que se reveste de valores morais, que são de caráter imperecível, conforme a própria vida.

Onde há amor a vida se multiplica ditosa, a produtividade do bem é imbatível, a alegria é insuperável.



Amor e produtividade

O amor é o feliz responsável pelos pensamentos humanos superiores, aqueles que iluminam a criatura, dignificam a sociedade, fomentam o progresso; porque sem condenar, não limita o seu raio de ação, antes amplia-o, envolvendo todos os seres sencientes em um só sentimento de fraternidade, sem olvidar as forças da Natureza.

Na cultura do desamor, da futilidade, do egoísmo, a criatura vale o que se atribui, o que possui, o que projeta, despreocupada em ser melhor, mais tranquila, mais espiritual.

A sua é uma produtividade externa que afadiga, que estressa, que mata. A preocupação pelo trabalho, pela produção em massa ou em qualidade, torna-se meta existencial, e a pessoa não dispõe, seja de tempo físico ou mental, para a sua realidade, Espírito que é, necessitado de nutrir-se de meditação, de momentos de solidão, de prece.

Quem se não utiliza desses incomparáveis recursos de alimentação da alma, aturde-se e mergulha no oceano dos conflitos, dos desajustes emocionais, das fugas da realidade, procurando soluções que, de maneira alguma, alcançam a finalidade a que se destinam.

Momentos de oração e de meditação diariamente, em especial pela manhã antes de iniciar-se a faina cotidiana, contribuem com segurança para os enfrentamentos que surgem durante as horas subsequentes.

O mergulho nas atividades volumosas, desde os noticiários perturbadores em torno dos acontecimentos mundiais até o tumultuado trânsito, que conduz aos destinos escolares, de trabalho e mesmo de esparecimento, intoxica e desarmoniza as disposições internas, armando de mau humor as suas vítimas, que estorcegam em comportamentos ainda mais afligentes.

No trabalho, as lutas dos diversos grupos que disputam destaque e superação, uns com os outros, tornam o ambiente irrespirável, dando surgimento a condutas externas, hipócritas, destituídas de sentimentos de amor e de respeito.

Nas atividades educacionais, as reclamações salariais e as frustrações afetivas que descompensam, geram antipatias e animosidades que dividem as pessoas e as asfixiam nos comportamentos extravagantes ou destituídos de lealdade a que se entregam.

Raramente os triunfadores do mundo apresentam-se calmos, seguros de si mesmos, sofrendo a competição desenfreada, o medo de perderem o lugar no pódium, o culto da vaidade que se permitem. Irritados, desequilibram-se com facilidade, estereótipos programados, vivendo sem naturalidade e quase destituídos da própria identidade, porque se adaptaram aos padrões que facultam lucro e produtividade exterior, sem benefícios de natureza íntima.

Apresentam-se portadores de relacionamentos afetivos difíceis, e porque acostumados à bajulação, às medidas, não experimentam a vibração da sinceridade que deflui da afeição espontânea e leal.

Quando retornam aos lares, mergulham nas leituras de periódicos que mais os deprimem ou se fixam a programas televisivos traumatizantes, ou fogem para os clubes e os bares onde encontram semelhantes inquietos que se estão escondendo no álcool, nas drogas químicas, na luxúria...

A produtividade de fora sem amor torna-se apenas cansaço e satisfação egóica.

O amor real produz empatia de alta significação em quem o conduz, assim como naquele para quem se dirige.

Conscientiza o ser a respeito das suas responsabilidades reais perante a vida, convidando ao mergulho no mundo íntimo, onde se refaz das refregas e recupera as energias gastas nas inevitáveis batalhas da evolução.

Fortalecido pelo tônico da afetividade, o indivíduo movimenta-se no trabalho, sem contaminar-se do morbo presente, com saúde e disposição de crescimento, sem pisotear outrem ou submeter-se aos seus caprichos danosos, por havê-los superado espontaneamente.

Não desejando a felicidade por meio da ruína daqueles que tombam na rampa do insucesso, vive em harmonia consigo mesmo e com o ambiente no qual se encontra.

O amor produz amor, mesmo quando não é percebido. Ninguém, no entanto, permanece imunizado contra o amor.

Partindo do centro, em ondas concêntricas, o amor faz-se cada vez mais abrangente, captando forças cósmicas que se lhe incorporam, por emanarem da Divina Providência.

Nesse ministério de crescimento e de produtividade superiores, brinda segurança interna e confiança irrestrita nos bons resultados de todos os empreendimentos, porque se assentam nas bases do dever e do respeito pelas demais criaturas que fazem parte da sua grande família.

Diluyente do medo, é portador do vigoroso tônico da coragem e da resistência ao mal que, no seu terreno, não encontra área para medrar.

Qual a produtividade do amor? Vitória, sem dúvida, sobre o ego escravocrata, estímulos para repetir mil vezes qualquer experiência não exitosa com o entusiasmo da primeira tentativa, harmonia interior, alegria de viver, prazer de servir, trabalho sem enfado nem cansaço...

Aquilo que o desamor carrega na condição de fardo, que o utilitarismo ambiciona com sofreguidão, que o mau humor desenvolve com marasmo e desencanto, que a perversidade desdobra, a fim de comprazer-se na desdita alheia que produz, o amor transforma em página viva de entusiasmo, nunca permitindo a vigência desses fatores dissolventes nos seus quadros.

Graças ao amor de Deus os campos revestem-se de cor e de vida, o Sol irisa a Terra, as águas vitalizam, o ar sustenta as existências, tudo se renova, se modifica sem cessar.

Através do amor das criaturas, as paisagens são transformadas em jardins, pomares, áreas alimentícias.

O agricultor, que saúda o amanhecer e dirige-se à terra que o aguarda, a fim de semear o pão, é cocriador com a Divindade que o gerou e o mantém destinado à glória e à plenitude.

Onde viceja o amor, a vida se multiplica ditosa, a produtividade do bem é imbatível, a alegria é insuperável.

Há, portanto, produtividade sem amor, como dever cansativo, que exaure, e é de superfície, e a do amor em profundidade, na infinita vertical da vida, gerando para a eternidade.

Por muito amardes – ensinou Jesus – todos os vossos pecados vos serão perdoados.

O amor produz perdão e paz inabalável, porque ajuda a recompor o que antes se encontrava destroçado, trabalhando em sublimidade a terra do coração.

Amor e serenidade

O amor é o agente desencadeador da serenidade, tornando-se-lhe o tônico de vitalização.

Enquanto se pense que o amor se encontra fora do Si, navega-se em rumo equivocado.

A cultura tradicionalista e retrógrada estabeleceu que, para a conquista do amor, bastam a aparência cuidada, as boas maneiras, os costumes morigerados, a habilidade na forma de apresentar-se, utilizando-se de técnicas de conquistar amigos, de influenciar pessoas...

De forma alguma existe fundamento nesses métodos para conseguir-se o amor.

Certamente que essas condutas despertam interesse, chamam a atenção, atraem interessados nos relacionamentos. Não sendo autênticas as manifestações externas, não procedentes da autoestima e do real prazer de amar, assim que se aproximam, aqueles a quem se deseja influenciar e atrair, logo dão-se conta da superficialidade de que se revestem e da falta de vibração interior, aquela que irriga de alegria a pessoa a quem é direcionada e se afastam, estremunhados, decepcionados, inquietos...

Por outro lado, a mesma cultura, ora avançada e inquieta, que trabalha em favor da projeção da imagem, quando busca envolver as criaturas com mimos e artifícios, em tentativas de formar clãs de adeptos, corte de admiradores, clubes de simpatizantes, não consegue acalmar as ânsias do coração nem preencher os imensos vazios da emoção, resultando maiores a solidão e o sofrimento.

A visão correta a respeito do amor estabelece que ele se encontra dentro do ser, apenas aguardando exteriorizar-se, quando os fatores propiciatórios assim lhe permitem.

Cultivado com carinho e preservado com respeito, expande-se e realiza o mister para o qual existe, que é proporcionar serenidade. Não apenas para acalmar as ansiedades ou apaziguar as tempestades íntimas, porém realizar um estado de paz que suporta vicissitudes, postergamentos de alegrias, embates continuados, sem perder o vigor de que se reveste.

A serenidade, no entanto, que deve ser buscada, decorre da manutenção de pensamentos saudáveis, enriquecedores, que estimulam ao trabalho, ao autoburilamento, ao ministério da abnegação que elimina a culpa. Mediante

esse comportamento mental, a verbalização das ideias é irretocável, não havendo campo para a vulgaridade nem para a contaminação oral, apresentando-as límpidas de expressões perniciosas que induzem à elaboração de clichês perturbadores. Nesse investimento, surge a oportunidade da ação, que se reveste de significado ético profundo, dignificante, capaz de desencadear condutas outras salutares. Como efeito natural, o amor está presente, embutido em todos os passos do processo de harmonização.

No começo, expressa-se como amor a si mesmo, mediante a preservação da sua identidade, dos seus sentimentos, não se permitindo os contágios deletérios que se manifestam mediante as conversações extravagantes e degenerativas. Por fim, torna-se exteriorização do sentimento em relação às demais criaturas, por meio de envoltórios espirituais, mentais, buscando proporcionar-lhes alegria e bem-estar, mesmo que sem a presença física daquele que o oferece.

É muito compensador doar-se o amor e recebê-lo de volta, não em forma de gratidão ou de simples retribuição, mas como efeito da sua própria vigência. O intercâmbio de amor é operação fascinante, que tem caráter de opulência emocional. No entanto, quando ainda não se faz retributivo, e não retorna, de forma alguma perde o seu significado, deixando de ensejar a serenidade que lhe é alma e coração.

Quem ama é sereno, porque confia no resultado do seu sentimento.

Quando se ama, mantém-se serenidade, porque se sabe e se pode aguardar a resposta da oferta que propicia.

O amor é da responsabilidade de cada criatura, e como efeito, possui características especiais, crescendo sempre mais e apresentando-se cada vez melhor.

Pode-se induzir outrem a amar, estimulá-lo à realização do amor, nunca porém amar-se por outrem.

O amor é qual medicamento precioso e oportuno que deve ser experimentado, a fim de curar-se a enfermidade da solidão, o desalinho da emoção, o transtorno dos sentimentos, os vícios ancestrais. Cada um deverá usá-lo, a fim de poder colher os resultados que espera. Essa operação é individual e intransferível.

Às vezes, surgem dificuldades para o despertar do amor, para a sua fixação no indivíduo, para a sua expansão.

O amor é semelhante às águas do rio que demandam o mar...

O amor surge em forma de intenção, que é a manifestação inicial de qualquer projeto humano. Criar a possibilidade mental de amar é enriquecer-se de vida e multiplicar os objetivos existenciais.

Quando se experimenta a suave presença do amor, o coração entenece-se e a serenidade toma conta dos sentimentos, ajudando a melhor conduzir o discernimento, que se ilumina, alargando os horizontes da existência na Terra.

Diante de alguém rebelde e agressivo, insano e perverso, pode-se aquilatar a validade da terapia do amor, porquanto, se a educação e a assistência médica contribuem enormemente para o refazimento da organização celular, não conseguem alcançar os recônditos do ser, que somente se renova e se relaxa, quando se entrega à sua condução.

Da mesma forma, como na raiz de muitos crimes e alucinações encontra-se ausente o amor na infância, na adolescência ou é resultado da frustração na idade adulta, a sua presença, mesmo que tardia, consegue minimizar os efeitos danosos e trabalhar pela recuperação do calceta.

Quem se permite por ele cativar, transforma-se de imediato, pois que passa a experienciar diferentes estados de alma, que não conhecia, esforçando-se por mantê-los como parte fundamental do seu novo comportamento.

O amor real está sempre propondo ao indivíduo a autossuperação, por descobrir quanto ainda pode mais amar, já que a alegria que o toma é tão expressiva que a existência não mais passa a ter sentido, se não for sob o seu comando.

Pode-se acumular haveres, conseguir-se poder, destaque na sociedade, passear no carro do triunfo, receber aplausos e desfrutar de todas as comodidades imagináveis, mas quando não se possui amor, torna-se impossível manter-se a serenidade. Mesmo porque a posse de qualquer natureza, quando não se estrutura na integridade do amor, abre espaços para a instalação de medos, de ansiedade, de desconfiança, ante a provável possibilidade de perda. Esse terreno, o do poder, do brilhar no mundo, se não for pavimentado com o amor, torna-se cediço, perigoso, e quase todos aqueles que por aí transitam perdem o rumo ou asfixiam-se imprensados nos movimentos que os fazem afundar.

O amor é o agente desencadeador da serenidade, tornando-se-lhe o tônico de vitalização.

Garimpo de Amor

Somente o amor cicatriza as feridas da alma, recompõe a harmonia dos sentimentos, encoraja para o prosseguimento da luta, oferece vida e fervor.

Direciona a fé e dinamiza a esperança.

O coração que ama nunca envelhece, nem sucumbe ao peso de ingratidão alguma, porque está sempre sereno, na alegria, na tristeza, na felicidade, na dor, na conquista ou na perda, sem mudar de rumo emocional.



Amor e felicidade

O amor é um privilégio que deve ser conseguido com esforço e dedicação.

Para onde se dirija o olhar percuciente e a atenção se fixe, perceberão a presença do amor, mesmo que sem denominação convencional.

O amor esplende em a Natureza, convidando à reflexão e ao trabalho como recursos preciosos de elevação e de felicidade.

Os percalços existenciais, os desafios e sofrimentos são consequências do não-amor, que geraram, no passado da criatura em processo de evolução, esses efeitos perturbadores, por meio dos quais se pode recuperar, voltando ao equilíbrio e dando prosseguimento aos compromissos dignificadores.

Quem ama estua de felicidade, porque se encontra pleno de ternura e de compaixão, de fraternidade e de perdão.

Não espera fruir de imediato quaisquer resultados, apenas se coloca em posição de oferecer e de ajudar os outros no seu desempenho moral.

Enquanto se espera receber, trabalhando o programa evolutivo na base do auxílio que deve proceder de outrem, permanece-se em infância psicológica, em dependência lamentável.

Um coração rico de alegria de viver e uma estação mental que irradia beleza e paz, são as mais elevadas expressões do amor embutido no ser que se autoconquistou e expande-se na direção das demais criaturas.

O amor é um privilégio que deve ser conseguido com esforço e dedicação, porquanto a sua é uma resposta de incomparável bem-estar e de satisfação íntima incomum.

Somente pode entender-lhe todo o poder e sentir-lhe toda a grandeza aquele que se permitiu impregnar pela sua essência.

As pessoas lutam pela aquisição de coisas, pelas projeções sociais, pelo poder temporal, pela beleza física, pelas situações invejáveis, pensando que encontrarão a felicidade nesse ufanismo hedonista, para logo despertarem vazias de sentimentos, tediosas e amarguradas, solitárias e sofridas.

Os valores realmente positivos são aqueles que não pesam nem ocupam espaços materiais, mas que se restringem às dimensões emocionais livres de posse e de paixão.

São eles que trabalham em favor da felicidade real do indivíduo, porque nunca se perdem, jamais são roubados ou sofrem envelhecimento. Sempre atuais, são grandiosos, porque iluminam a vida.

Indague-se às pessoas que usam os favores existenciais, os que desfrutam dos bens terrenos, da alucinação do sexo, que têm atendidos os desejos de todo tipo, se estão felizes, e responderão que se encontram cansadas, entediadas, ansiosas por novas formas de prazeres.

O jogo dos interesses imediatistas que trabalham em favor do egoísmo e da vaidade, somente oferece desencanto, porque conduz a novas formulações de ansiedade e de desespero.

Quem nada tem atormenta-se pela falta, encarcerando-se na ambição da posse.

Quem muito tem inquieta-se pela abundância, aprisionando-se no medo da perda dos haveres. Outrossim, aflige-se para atingir o topo entre aqueles que lhe compartilham as posições da fortuna, destacados nas revistas especializadas e invejados pela sociedade sofredora.

São os felizes na aparência e infelizes na realidade.

Se alguns tivessem coragem trocariam a situação de quase-miséria pela conquista da paz, amando. No entanto, preferem a amargura da situação desditosa, ambicionando o que talvez nunca venham a possuir.

Os outros, aqueles que possuem muito, se tivessem valor moral e força espiritual, permutariam, conforme às vezes pensam, a abundância vazia pela lealdade do amor de alguém, da confiança irrestrita em outrem, do apoio emocional em algum coração desinteressado dos seus tesouros.

Só o amor consegue milagres desta natureza: enriquecer o pobre de dinheiro com alegria de viver e empobrecer o rico de moedas, tornando-o feliz com a paz de ser livre da prisão tormentosa.

Certamente essa é uma tarefa muito difícil de ser realizada, especialmente tendo-se em vista a cultura do poder terreno, da apresentação bem-cuidada de fora, das possibilidades de mando e de destaque que tanto deslumbram e desequilibram. Mas não é impossível, porque não são poucos também aqueles que renunciaram a tudo ter, a fim de cada qual tornar-se uma pessoa integral.

Quando Francisco de Assis saiu a pregar a humildade, a renúncia, o amor, foram muitos os nobres, os ricos, os poderosos que abandonaram tudo e se lhe renderam emocionados, seguindo-lhe as pegadas por dedicação a Jesus e ao Seu Evangelho.

Clara, fascinada pelo verbo cândido do Pobrezinho de Assis, deixou o mundo de mentiras onde vivia e partiu na sua direção, pouco antes do matrimônio com um rico negociante, para vincular-se à Dama pobreza.



Outros há, como Léon Tolstoi, que abdicou da fortuna para dar oportunidade aos seus irmãos camponeses que estorcegavam na miséria.

Luísa de Marillac, igualmente comovida com os exemplos de São Vicente de Paulo, libertou-se da abundância, para poder melhor servir a miséria, tocada profundamente pela palavra do apóstolo que apresentava Jesus nos seus atos.

Ainda hoje há muitos indivíduos que compreendem ser a felicidade algo conquistável por meio do amor e empenham-se pelo entregar-se-lhe totalmente.

Conveniente não confundir prazer e felicidade, gozo e plenitude.

Há prazeres saudáveis e singelos que abrem espaços para os gozos espirituais, pórtico de entrada da futura plenitude que se experimentará.

Os pequenos prazeres que não afadigam, que não perturbam, que somente propiciam bem-estar a quem os busca, como também aos outros, são os sinais da posterior felicidade que tomará conta do ser em caráter de totalidade.

Tudo, porém, sob a égide do amor.

Amor e Jesus

Amor e Jesus são termos da mesma realidade.

Em pleno tresvariar da ética, dominada pelo poder da força, no auge dos preconceitos e da hegemonia dos ambiciosos conquistadores terrenos, Jesus, o Pacificador, revolucionou o pensamento vigente e propôs com estoicismo invulgar: — “Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.”

Ninguém antes d’Ele se atrevera a um desafio de tal natureza, porque todos sempre se colocaram sob as asas do desamor que comandava as mentes e os corações.

Ele, porém, não. Pairando, sobranceiro, acima das disputas e chacinas guerreiras, dos interesses mesquinhos e enlouquecedores, das situações de brilho fugaz, dedicou-se a amar todas as criaturas, indistintamente, vivendo com simplicidade e harmonia, a fim de demonstrar que somente o amor pode conduzi-las com segurança ao porto da felicidade.

Nunca relatou qualquer problema, nem apresentou acusação de natureza alguma, considerando que os seres humanos ainda se encontravam – e se encontram, de certo modo – em estado de infância espiritual, cujo amadurecimento depende exclusivamente do amor, a fim de crescerem com segurança, distantes dos perigos de degeneração ou de recuo ao primarismo de onde procedem.

Estabeleceu, nesse amor, os princípios básicos para a sua vigência e prosseguimento: a simplicidade, o respeito pelo próximo, a bondade para com ele, o desinteresse pessoal ante a necessidade do outro, a compaixão, a perseverança nos propósitos delineados...

À semelhança do Sol generoso que dá vida aos bons e aos maus, aos nobres e aos plebeus, aos ricos e aos pobres, aos simples e aos fátuos, sem qualquer distinção, o Seu é o amor que não seleciona, espalhando-se como claridade diamantina para que dilua toda sombra em predomínio.

Jamais alguém se propusera a essa empresa incomum. Certamente que, antes d’Ele, diversos missionários viveram em consonância com o amor, mergulhando na meditação para vivenciá-lo, conduzindo as massas pela montanha da sublimação acima. A Sua invocação ao amor revestiu-se do Seu próprio exemplo, mesmo antes de poder demonstrá-lo mediante o testemunho incomum a que se permitiu pela via dolorosa até a cruz, a fim de que todos tivessem a demonstração da grandeza do seu conteúdo.

A revolução do amor com Ele começou em novas bases e nunca cessará, porque em cada época da humanidade e em cada estágio da evolução humana, ele se apresentará mais transcendente e profundo, arrastando as vidas que se lhe entregarão confiantes e em regime de totalidade.

Por enquanto, não obstante as formidandas conquistas da inteligência e da tecnologia, da ciência e da razão, o amor não conseguiu atingir o estágio que seria ideal, influenciando o comportamento geral para melhor, assim impulsionando a sociedade para alcançar mais elevado patamar de plenitude.

De alguma forma, no entanto, vem erguendo a ética dos direitos humanos a uma posição de destaque entre os códigos estabelecidos, engrandecendo o sentido de respeito pelas minorias de todos os segmentos sociais, ampliando a visão em torno do significado existencial, embora ainda defrontando um longo trecho que deverá percorrer até o momento de dominar as criaturas, qual Ele o fez.

Amor e Jesus são termos da mesma realidade.

Amando sempre, jamais escolheu a quem direcionar o Seu sentimento.

Nicodemos era príncipe, e buscou-O. Ele o atendeu sem qualquer defeição, inundado de ternura.

Simão, o leproso, era detestado, mas convidando-O a ir à sua casa, Ele aceitou a gentileza, e ali ofereceu extraordinária lição de amor, referindo-se à mulher que embora fosse portadora de conduta irregular, lavou-Lhe os pés com perfume...

Lázaro e suas irmãs receberam-nO no lar, e Ele enriqueceu a família com incomuns demonstrações de amor.

Um sacerdote vão e simulador, tentando perturbá-LO, interrogou-O a respeito de quem seria o seu próximo, e Ele, compadecido quão amoroso, narrou a mais notável parábola do Evangelho, a do bom samaritano.

Diante de uma mulher surpreendida em adultério, que era conduzida à lapidação por homens perversos e pervertidos também, consultado quanto a pena a ser-lhe aplicada, se a proposta por Moisés ou a que Ele ensinava, foi peremptório em relação ao amor, esclarecendo: Quem estiver isento de pecados, atire-lhe a primeira pedra. E todos afastaram-se, cabisbaixos...

Um jovem que O chamara de Bom Mestre, aparentemente desejando segui-LO, recebeu a orientação a respeito de que Bom somente é o Pai, embora Ele fosse Mestre, e, dominado pelo amor, elucidou como deveria ser feito, a fim de O acompanhar...

Conhecendo a fragilidade de Pedro, anunciou-lhe a defecção sem o censurar, porque o amava.

Sabendo dos propósitos de Judas, que era perturbado por Forças Impiedosas do Mais Além, tomado de infinita compaixão de amor, estimulou-o a que fizesse o que deveria fazer, e, após o seu suicídio infeliz, foi buscá-lo nas Regiões Inferiores...

Atorroadada mulher samaritana, detestada pela raça a que pertencia e pela conduta a que se entregara, d'Ele recebeu incomum lição de vida, porque muito a amou.

Compadecido da multidão que estava esfaimada, e mesmo assim seguia-O, multiplicou os pães e os peixes, a todos alimentando, em nome do amor.

Por amor, repreendeu os hipócritas que O tentavam, os vendilhões que enxovalhavam o Templo, que deveria ser dedicado a outros misteres, os sacerdotes venais, os herodianos vulgares, os fariseus pusilânimes...

Ante Caifás, Anás, Herodes e Pilatos manteve-se em silêncio hercúleo por amá-los e identificar o estágio espiritual inferior em que se encontravam, incapazes de O entender. Apenas uma vez respondeu a um deles, certamente não havendo sido penetrado no conteúdo do que informara.

Mesmo depois de morto, José de Arimatéia, que pertencia ao Sinédrio, ofereceu-Lhe o seu túmulo novo, que foi aceito, embora Ele não pudesse ou devesse falar naquele momento.

... E mesmo quando estava considerado morto e vencido, por amor retornou ao convívio dos amigos temerosos, da mãe ansiosa, de viandantes preocupados, da multidão que se reuniu na Betânia, a fim de escutar João falar sobre Ele, para, somente então, ascender aos paramos imortais...

Ninguém jamais amou, conforme Jesus o fez.

Dividiu a História da Humanidade, mais pelo amor do que pelas palavras e pelos feitos.

Ele é o símbolo do amor, porquanto, não amado, continuou amando, e prosseguirá até o fim dos evos...

Nunca será esquecido!

Na aridez do solo da humanidade, a charrua que o pode sulcar, a fim de que se renove e se arrebente em verdor, em florescência, em frutos incomparáveis, é o amor.

O amor, que procede de Deus, a Deus retorna, construindo a felicidade onde se apresenta, jamais vencido, sempre triunfador.

Nunca te esqueças, em qualquer situação, a mais penosa que se te apresente, que o amor possui a solução para todas as dificuldades.

Ama, pois, sempre!

